



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação – Propespi
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – PPGPSI
Mestrado em Psicologia Clínica
Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica
Existencial e Psicossocial – Laclifep

Tatiany Maria Melo Silva Albuquerque

Uma Compreensão Fenomenológica Hermenêutica da Experiência do Tédio:
Narrativas do *Setting* Terapêutico

Recife

2024

Tatiany Maria Melo Silva Albuquerque

Uma Compreensão Fenomenológica Hermenêutica da Experiência do Tédio:
Narrativas do *Setting* Terapêutico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Psicologia Clínica, na linha de pesquisa Práticas Psicológicas Clínicas e Demandas Sociais Contemporâneas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite.

Recife

2024

A345c Albuquerque, Tatiany Maria Melo Silva.

Uma compreensão fenomenológica hermenêutica da
experiência do tédio: narrativas do *setting* terapêutico /
Tatiany Maria Melo Silva Albuquerque, 2024.
101 f. : il.

Orientadora: Danielle de Fátima da Cunha C. S. Leite.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia
Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, 2024.

1. Tédio. 2. Escuta (Psicologia).
3. Fenomenologia existencial - Aspectos psicológicos.
I. Título.

CDU 159.9

Luciana Vidal - CRB-4/1338



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação -
Propespi
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica -
PPGPSI
Mestrado em Psicologia Clínica
Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica
Existencial e Psicossocial - Laclifep

Dissertação intitulada **Uma compreensão fenomenológica hermenêutica da experiência do tédio: narrativas do *setting* terapêutico**, de autoria da mestranda Tatiany Maria Melo Silva Albuquerque, apresentada à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Psicologia Clínica, na linha de pesquisa Práticas Psicológicas Clínicas e Demandas Sociais Contemporâneas.

Banca Examinadora

Danielle Siqueira

Prof.^a Dr.^a Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite (Orientadora)

Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)

Documento assinado digitalmente
gov.br SEVERINO RAMOS LIMA DE SOUZA
Data: 10/10/2024 17:01:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Severino Ramos Lima de Souza (Examinador Interno)

Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)

Documento assinado digitalmente
gov.br DENILSON BEZERRA MARQUES
Data: 10/10/2024 20:27:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Denilson Bezerra Marques (Examinador Externo)

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Recife, 17 Julho de 2024

À espiritualidade amiga, por sustentar minha fé e minha força. Aos meus amigos usuários da Rede de Saúde Mental da cidade do Recife, meus mais importantes mestres. Aos meus pais, filho e irmão por todo amor, carinho e apoio que recebi nessa jornada.

Agradecimentos

Sêneca considerou que quem acolhe o benefício com gratidão paga a primeira prestação da dívida, por isso registro aqui o meu sentimento diante de todos que seguraram minha mão na travessia investigativa que resultou neste trabalho. Assim, gostaria de enunciar aqui meu reconhecimento.

À Congregação Doroteia do Brasil cuja educação e valores são partes importantes do que sou. Por isso, gostaria de dirigir meu reconhecimento à Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire), na figura de irmã Graça, que segurou minha mão e sempre acreditou na minha capacidade de atravessar o deserto que foi essa experiência.

À professora Carmem Barreto por ter me apontado o caminho no meu momento mais difícil e pelos muitos ensinamentos que guardarei para sempre.

À minha orientadora Danielle Siqueira pela paciência e por ter aceitado seguir comigo no meu momento mais difícil. Com leveza, doçura e sabedoria me mostrou que sou capaz e fez de mim uma docente melhor, mostrando-me que educação com amor é, sem dúvida, o melhor caminho.

Aos meus colegas Dalva Chagas, Lilian Alves e Túlio Henriques, cujo apoio me ajudou a transcender o momento difícil das aulas *on-line* e do distanciamento provocado pela pandemia.

Aos professores Severino Ramos e Denilson Marques que, com as delicadas sugestões oferecidas durante o exame de qualificação, viabilizaram a concretização do presente trabalho.

À minha amiga-irmã Ana Noriko, por ter sido apoio nesses momentos difíceis sugerindo reflexões na escrita, secando as minhas lágrimas e lembrando a força

que possuo. A Cristianne Chans, Semíramis Lima e Paula Magalhães, por me mostrarem o poder transformador de uma amizade. Sem elas, esta dissertação não seria possível.

A Ceicinha Vasconcelos que, chegando no final do processo com o brilhantismo de sua correção e a gentileza das palavras, deu-me a força de que necessitava para finalizar.

Ao meu marido, Ítalo, pelo amor que recebi ao longo do processo.

Ao meu filho, Fabrício Lima, que com sua veia de pesquisador foi por muitas vezes a motivação que manteve a minha coragem, tornando-se a minha força nos momentos de fraqueza e, nos momentos de dúvida, a certeza absoluta.

Aos meus pais, Zelito e Lourdinha, minha vó Lindalva (*in memoriam*) e meu irmão, Higo, que sempre me ajudaram e me incentivaram para que meus mais belos sonhos se realizassem.

Andávamos tão invernos, que qualquer outono nos fazia acreditar não existir primaveras. Mas, ouvimos, cá dentro, como uma brisa despretensiosa: Vai passar! Vocês verão.

— Carolina Meyer Silvestre, Língua-mãe

Resumo

O tédio ao longo da história tem sido compreendido como emoção e, nessa direção, tende a ser considerado um estado de humor momentâneo relacionado às mudanças de ânimo vivenciadas pelos indivíduos em seu cotidiano. Dificilmente é enquadrado como existencial. Heidegger, ao propor essa leitura sobre o tédio aponta que ele pode ter três formas de apresentação: o tédio corporificado ou materializado; o tédio sem explicação aparente; e, por fim, o tédio profundo, este último considerado uma tonalidade afetiva fundamental, ou seja, uma dada afinação ou sintonia entre o Dasein e o mundo. O presente trabalho é resultado de uma investigação em que se buscou compreender a experiência do tédio no setting clínico a partir das narrativas de psicoterapeutas. Adotou-se como metodologia a pesquisa de enfoque qualitativo de cunho fenomenológico hermenêutico. Os dados foram colhidos por meio do depoimento oral dos colaboradores da pesquisa, evocados mediante pergunta disparadora. Como método de conhecimento e interpretação dos depoimentos foi utilizada a conversação e a construção das constelações orientadas pelo pensamento de Gadamer. Os resultados revelam que o fenômeno do tédio se desvelou sob duas formas na escuta clínica dos participantes: como tonalidade afetiva principal e com o predomínio de outras tonalidades. Nesse contexto, a dimensão dialógico-hermenêutica aponta para a possibilidade do caráter libertador da ação clínica que se afasta dos parâmetros da técnica moderna e considera as particularidades do ser-aí em seu contexto e sua cultura, estando, portanto, atenta às transformações e buscando uma compreensão profunda do tédio como tonalidade afetiva que se revela nos diferentes modos de existência.

Palavras-chave: tédio, escuta, fenomenologia hermenêutica.

Abstract

Boredom throughout history has been understood as an emotion and, in this sense, it tends to be considered a momentary mood state related to changes in mood experienced by individuals in their daily lives. It is hardly framed as existential. Heidegger, when proposing this reading of boredom, points out that it can have three forms of presentation: embodied or materialized boredom; boredom with no apparent explanation; and, finally, deep boredom, the latter considered a fundamental affective tone, that is, a given tuning or tune between Dasein and the world. The present work is the result of an investigation in which we sought to understand the experience of boredom in the clinical setting based on the narratives of psychotherapists. The research methodology with a qualitative approach of a hermeneutic phenomenological nature was adopted. Data were collected through oral testimony from research collaborators, evoked by a triggering question. As a method of understanding and interpreting the statements, conversation and the construction of constellations guided by Gadamer's thinking were used. The results reveal that the phenomenon of boredom was revealed in two ways in the participants' clinical listening: as the main affective tone and with the predominance of other tones. In this context, the dialogical-hermeneutic dimension points to the possibility of the liberating character of clinical action that moves away from the parameters of modern technique and considers the particularities of being-there in its context and culture, being, therefore, attentive to transformations and seeking a deep understanding of boredom as an affective tone that reveals itself in different modes of existence.

Keywords: boredom, listening, hermeneutic phenomenology.

Sumário

1	Apresentação.....	10
2	O Tédio e Seus Percursos.....	18
	2.1 Aspectos Históricos Sobre o Tédio: Da Emoção ao Atravessamento....	23
	2.2 As Raízes da Compreensão Heideggeriana dos Afetos.....	30
	2.3 Tédio Enquanto Esvaziamento Radical do Tempo.....	37
3	Os Rumos do Percuro: Material e Métodos.....	43
	3.1 As Características da Trilha.....	46
	3.2 Rumo ao Horizonte: A Configuração do Caminhar.....	50
4	O Despertar da Experiência do Tédio na Escuta Clínica: Narrativas do <i>Setting</i> Terapêutico.....	61
5	Considerações Finais.....	92
	Referências.....	95
	Apêndice A — Termo de Consentimento para Entrevista <i>On-line</i>.....	103

Apresentação

O tédio ao longo da história tem sido compreendido como emoção e, nessa direção, tende a ser considerado um estado de humor momentâneo relacionado às mudanças de ânimo vivenciadas pelos indivíduos em seu cotidiano. Normalmente se manifesta atrelado à prática de alguma atividade específica ou até mesmo à inatividade. A persistência desse estado em determinada pessoa pode ser problematizada enquanto demanda da psicologia que atua na pessoa por intermédio da terapia. Borges (2020) alerta que as compreensões usuais desse fenômeno normalmente indicam certo tipo de visão e que “Difícilmente concluímos, de pronto, pela qualificação do fenômeno como *existencial*” (p. 223). Nesse contexto, Heidegger se destaca enquanto um dos protagonistas de uma leitura existencial do fenômeno do tédio, apontando inclusive que ele pode ter três formas de apresentação: o tédio corporificado ou materializado; o tédio sem explicação aparente; e, por fim, o tédio profundo (Heidegger, 2003). O olhar de Heidegger direcionado a esse fenômeno norteará a presente investigação, que se propõe a realizar uma pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico hermenêutico sobre o fenômeno do tédio.

A respeito da orientação metodológica adotada, é consenso entre os pesquisadores que existem diferentes práticas metodológicas que abarcam uma pesquisa de orientação qualitativa, no entanto, convém ressaltar que ela tem como característica ser “uma atividade situada que localiza o observador no mundo” (Denzin & Lincoln, 2006, p. 17). Na contextualização dos autores, esse atributo indica que “A competência da pesquisa qualitativa é, portanto, o mundo da experiência vivida, pois é nele que a crença individual e a ação e a cultura entrecruzam-se” (p. 22). Além disso, por se tratar de estudo que toma como referência a analítica da

existência proposta por Heidegger, aponta para “uma perspectiva direcionada para a experiência, enfatizando a dimensão existencial do viver, e buscando, antes de tudo, a compreensão dos sentidos desvelados pelos sujeitos na sua condição de seres-no-mundo” (Frota & Dutra, 2021, p. 3).

Diante desse contexto, e considerando a impossibilidade de se recusar o caráter pessoal e histórico da existência surgem as inquietações da autora, a partir das suas experiências como profissional do campo da saúde mental, na sua prática enquanto profissional da Psicologia. Os corredores de um hospital psiquiátrico revelaram que a maioria das questões existenciais são silenciadas a partir de uma experiência cotidiana que emudece a dimensão da singularização em meio ao imperativo da institucionalização e do diagnóstico. Esse convívio com a lógica manicomial, mesmo com o objetivo de ressocialização, mostrou-se como um desafio, pois o processo de confinamento, aliado à desumanização daquele processo, emergiu como uma possibilidade de refletir sobre a experiência do tédio vivida pelos pacientes.

Outro fator destacado na experiência profissional da autora produtor dos questionamentos que nortearam este estudo parte da aridez do manicômio unida à compreensão da loucura como fator incapacitante, característica que apontou para a mesma desde os primeiros contatos com o espaço psiquiátrico, ainda enquanto estudante da graduação. A potência da experiência vivida revelou-se tão significativa que suas primeiras experiências profissionais foram sendo direcionadas para tal prática. Nesse contexto, a temática desta dissertação emergiu, enquanto figura no fundo da experiência profissional vivida. Ao experimentar a prática profissional fora do contexto hospitalar, em um dispositivo de cuidado substitutivo (residência terapêutica), a autora ouviu de um usuário do serviço algo que lhe causou grande

inquietação: “*Pensei que seria diferente aqui, mas descobri que o tédio mora dentro de mim e esse jeito triste é o meu jeito, estando preso ou não*”.

Por definição, “As residências terapêuticas constituem-se como alternativas de moradia para um grande contingente de pessoas que estão internadas há anos em hospitais psiquiátricos por não contarem com suporte adequado na comunidade” (Ministério da Saúde, 2004, p. 5). Teoricamente a saída do hospital e a chegada a esse novo dispositivo seriam, talvez, a possibilidade de sair da sensação de inutilidade para a experiência de uma visibilidade aparentemente não experimentada pelo usuário. Para esta autora, de algum modo a lógica manicomial continuou a reverberar, na equipe e nos moradores da residência.

O *Relatório de Inspeção Nacional dos Hospitais Psiquiátricos* (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2019) aponta que, embora vivenciando o processo de desinstitucionalização da loucura, ainda é encontrado no Brasil tratamento “desumano e degradante tendo como causas a superpopulação, as más condições sanitárias e de higiene, a [sic] violações e censuras das correspondências, e proibição de acesso aos bens pessoais” (p. 142). Além disso, são citados a falta de vestuário adequado, água potável para consumo, alimentação, privacidade, entre outras carências que contribuem para a criação de um ambiente desfavorável ao cuidado da saúde mental. No tocante ao ambiente social, nega-se “às pessoas a oportunidade de se comunicarem com o resto do mundo, a sua privacidade não é respeitada, sofrem de tédio e de negligência, como ainda há pouca ou nenhuma oferta de estímulos intelectuais, sociais, culturais e físicos” (p. 142).

Nessa direção, convém ressaltar que na lógica manicomial, o tédio era interpretado costumeiramente como um sintoma resultante da situação de confinamento e como desdobramento do diagnóstico, na medida em que o paciente

era visto como incapaz e não produtivo. Essa lógica, alicerçada muitas vezes nos manuais técnicos de psicopatologia, direciona a compreensão da doença, e consequentemente do indivíduo, no fator biologizante.

Aqui, a pesquisadora entra em confronto com a perspectiva teórica¹ humanista que norteava seu fazer no momento da experiência, quando, partindo do olhar sobre a singularidade da pessoa, questionava-se: “*A experiência do tédio seria uma manifestação de incongruência? Ou representava um processo de autoatualização?*”. Os limites da abordagem psicológica se mostraram para a pesquisadora, na medida em que as palavras do usuário reverberavam nela: “*O tédio mora dentro de mim . . . , estando preso ou não*”. O olhar teórico que norteava sua prática não conseguia mais compreender a experiência do encontrar-se entediado como concepção de interioridade ou como expressão de uma subjetividade centrada no indivíduo. Parecia que a experiência da pesquisadora remetia para algo além de uma interioridade, que apesar de mostrar-se singularmente em cada situação também era vivenciada na experiência dos diferentes atores do cotidiano do hospital. Por vezes, nesse cenário o tédio era visto nos diálogos como algo a ser extirpado, mediante o uso de expressões como “matar o tédio” ou até mesmo considerado como doença que deve ser medicalizada.

O contexto no qual os saberes se mostram insuficientes para nortear a prática psicológica é evidenciado na pesquisa realizada por Gondim et al. (2010), que apontam que “A partir da experiência prática e da sua especialização, [o psicólogo]

¹ Diante da diversidade de saberes conceituais e práticas distintas no campo da Psicologia, o profissional tende a posicionar-se em sua atuação concebendo sua prática a partir de um referencial teórico. Desse modo, a sua visão de homem, de mundo e das relações é orientada por essa referência teórica, que, por consequência, guia seu fazer profissional (Silva et al., 2018). Convém ressaltar que a experiência profissional pode desvelar caminhos cujo percurso, amparado em tal perspectiva teórica não se mostra mais satisfatório, cabendo ao profissional direcionar esforços para buscar novo embasamento em outros referenciais e abrir mão do olhar anterior.

pode optar por formas de atuação e abordagens teóricas que atendam de modo mais satisfatório os desafios com os quais se defronta no cotidiano de trabalho” (pp. 191-192).

No entanto, ao mudar o cenário da prática profissional, a experiência do tédio mostrou-se novamente para a pesquisadora como um fenômeno passível de reflexão. Nesse contexto, o consultório também revelou o fenômeno do tédio a partir de uma perspectiva nosológica, tanto na narrativa dos clientes quanto dos colegas de profissão com quem convivia. Novamente aqui, a experiência do interlocutor-cliente abriu um novo horizonte para a pesquisadora a partir da seguinte colocação proferida em um atendimento:

A exigência social sobre mim e a necessidade de dar conta de tudo em um tempo humanamente impossível de se realizar me dá uma sensação de que eu nunca realizo nada. Se eu pudesse definir minha vida, eu diria que não sai do lugar porque o que se pede está além das minhas forças, é entediante. Pronto, é isso... é entediante.

Nesse momento, a temporalidade ligada ao tédio é evocada enquanto compreensão da experiência do vivido desvelada por intermédio da linguagem. Assim, a perspectiva de Heidegger (1889-1976,) mostrou-se como uma lente possível para abarcar a experiência e a compreensão do tédio. O olhar de Heidegger (como citado em Cimino, 2013) sobre a existência aponta para a necessidade de se pensar a questão do ser a partir da cotidianidade mediana, na qual

a análise do ser não privilegia uma estrutura em detrimento das demais, mas, busca aproximar-se dos modos de ser possíveis do homem na sua relação com o mundo. É por meio dessa maneira de apreender *como* as coisas são que há a abertura para a interpretação. (Cimino, 2013, p. 49)

Nessa direção, o “que acontece é que, no que vem ao encontro dentro do mundo como tal, o compreender de mundo já abriu uma conjuntura que a interpretação expõe” (Heidegger, 2009, p. 211). A compreensão sob a ótica heideggeriana é sempre atravessada por aquilo que o autor chamou de tonalidade afetiva², sendo o tédio uma dessas tonalidades fundamentais. Pó (2015) destaca que o tédio tem a virtude de alertar as pessoas para a falta de autenticidade no modo como projetam sua existência no mundo. Uma falta de autenticidade que pode revelar compreensões dessa tonalidade afetiva sobre o existir. Ainda relativamente a esse olhar sobre o tédio, Casanova (2020, p. 80) acrescenta que:

O tédio parece estar essencialmente ligado à quebra de um determinado ritmo existencial, à incapacidade de prosseguirmos a dinâmica de nossos afazeres cotidianos, à interrupção de nosso movimento automático de preenchimento dos momentos com ações — sendo que essa quebra, essa incapacidade e essa interrupção são pensadas a princípio como completamente externas à existência, como traços subsistentes de certas coisas ou estados de coisas.

A partir daí a experiência da autora e a perspectiva teórica se encontram e, nesta, aquela vivida tanto no hospital quanto na clínica encontra uma nova morada. Assim, aos primeiros passos dados no caminho da hermenêutica de Heidegger, vê-se desvelar com nitidez o equívoco da compreensão mediana sobre o tédio, visto que não é possível apartar dele o fenômeno da historicidade.

Após essa abertura de horizonte, com o propósito de sintetizar as inquietações descritas, elaboraram-se as seguintes perguntas norteadoras deste estudo: como compreender a experiência do tédio na clínica psicológica? Como compreender o

² Para Heidegger (2003), as tonalidades afetivas dizem respeito ao modo como o *Dasein* encontra-se sempre disposto, enquanto abertura originária, em cada situação existencial. Em conjunto com a compreensão e o discurso, constitui o modo de ser do ser humano — ser-no-mundo.

tédio atravessado pela historicidade? A concepção heideggeriana do tédio como tonalidade afetiva pode ser revelada no fazer clínico de outros profissionais da Psicologia?

Diante de tal condição, a necessidade de compreender a experiência de tédio na pandemia se desvela como uma reflexão fundamental na analítica desse momento histórico. A analítica do despertar dessa tonalidade afetiva pode trazer subsídios para a compreensão dos diferentes modos de experienciar tal fenômeno na contemporaneidade.

O presente estudo está construído em cinco capítulos, entre os quais esta apresentação. No segundo capítulo discutem-se inicialmente as várias compreensões do tédio ao longo da história. Posteriormente, exploram-se as raízes heideggerianas dos afetos, indicando-se a compreensão do tédio enquanto esvaziamento radical do tempo por intermédio dos três tipos delimitados por Heidegger. No terceiro capítulo define-se o caminho metódico percorrido no movimento de compreensão das narrativas recolhidas e acolhidas na etapa do campo. No quarto capítulo expõem-se as discussões/compreensões sobre o tédio, tecendo-se um diálogo entre as narrativas dos psicólogos interlocutores da pesquisa. Por fim, apresentam-se as considerações finais a respeito das possibilidades compreensivas desveladas nesse caminhar, nas quais a experiência pessoal da pesquisadora, dos psicólogos participantes das entrevistas e a teoria dialogam.

Como não se consegue pensar a existência afastada da arte, recorre-se às palavras de Fernando Pessoa como tentativa de ser um despertar da possibilidade compreensiva da experiência do tédio na facticidade desse tempo dorido:

Não vivo, mal vegeto, duro apenas,

Vazio dos sentidos porque existo;

Não tenho infelizmente sequer penas

E o meu mal é ser (alheio Cristo)

Nestas horas doridas e serenas

Completamente consciente disto.

2 O Tédio e Seus Percursos

Não é o tédio a doença do aborrecimento de nada ter que fazer, mas a doença maior de se sentir que não vale a pena fazer nada. (Pessoa, 2003, seção 445)

Condenado pelos deuses a repetir por toda a eternidade a tarefa de rolar uma pedra de mármore montanha acima, que sempre cai ao atingir o cume, Sísifo é um personagem cuja existência desprovida de sentido o aproxima dos indivíduos que padecem, contemporaneamente, da sensação dos vazios na alma e ilustra, conseqüentemente, como o sofrimento pode se mostrar na existência no contexto da (hiper)produtividade.

automação cada vez mais intensa do trabalho, fenômeno que ilumina o caráter problemático da combinação da moderna glorificação do trabalho com o fenômeno de crescente automação do trabalho, ocasionando a liberação de um vasto contingente de massas humanas entregues à ociosidade consumista ou à impossibilidade de trabalhar e viver dignamente. (Duarte, 2010, p. 48)

São tantas as exigências que recaem sobre o ser humano em sua busca quase delirante pela eficiência máxima — nos rígidos padrões definidos pelo capitalismo. Assim, se por um lado vivemos o auge das descobertas científicas que nos permitem maior conforto, beleza, saúde, liberdade, por outro lado enfrentamos uma frequente tensão motivada pelo controle tecnológico da vida, das frequentes guerras, aumento diário da violência, pelas crises na natureza, entre outros. Esse aspecto é apontado por Duarte (2010) como a materialização da “relação tipicamente ambígua do homem moderno com a própria modernidade” (p. 13). Assim, percebemos que a relação com

o tempo transcende um olhar calculista e sentimental, a esse respeito Heidegger aponta que é na temporalidade que reside a historicidade, e a interpreta como “uma elaboração somente mais concreta da temporalidade” (2009, p. 1035). Assim, a historicidade é uma característica ontológica do ser humano, ou seja, a condição de abertura no mundo e nas relações, permeada sempre por tons afetivos. Nesse sentido, o autor ainda aponta que

vivemos numa época estranha, singular, inquietante. Quanto mais a quantidade de informações aumenta de modo desenfreado, tanto mais decididamente se ampliam o ofuscamento e a cegueira diante dos fenômenos. Mais ainda, quanto mais desmedida a informação, tanto menor a capacidade de compreender o quanto o pensar moderno torna-se cada vez mais cego e transforma-se num calcular sem visão, cuja única chance é contar com o efeito e, possivelmente, com a sensação. (Heidegger, 2003, pp. 101-102)

O pensamento de Heidegger evidencia um outro modo de olhar, distante da tradição metafísica, apontando para uma outra concepção de ser que, segundo o próprio autor, foi sendo esquecida. Nessa perspectiva, é preciso contextualizar brevemente o caminho percorrido pelo autor, pois é a partir desse caminho que o tédio aqui será tratado. É em sua obra *Ser e Tempo* (2009) que o autor indica a necessidade de se repensar a questão em torno do sentido do ser, pois a noção vigente foi moldada sob o olhar metafísico que preconiza a relação sujeito-objeto segundo a lógica causal, objetivando o homem e impossibilitando a aproximação do ser da presença. Daí vislumbra-se apenas o ente e, conseqüentemente, “esquece-se do ser”. Assim, propõe que se possa vislumbrar o ser a partir da cotidianidade mediana, sem privilegiar nenhuma estrutura em detrimento das demais, mas aproximando-se dos modos de ser possíveis do homem na sua relação com o mundo.

Portanto, sob essa ótica, o ser do homem é visto como possibilidade, diante da impossibilidade de apropriar-se de todas as suas possibilidades, o ser do homem é — seu poder-ser mais próprio (Vattimo, 1996).

É na existência humana, enquanto possibilidade, que se pode inclusive questionar a existência de uma essência ou natureza definida *a priori*. Portanto, existimos todos, na acepção mais genuína greco-latina de “existere, ex-sistere” (:existir;) Existimos de uma ou outra maneira relacionados sempre com alguma coisa, que nos concerne, em tal ou qual significado, daquele lugar precioso onde estiver em nossa abertura do mundo. Pode ser que essa coisa nos toque intimamente ou nos deixe indiferentes. (Boss, 1997, p. 8 como citado em Ximenes et al., 2015, p. 120)

É na abertura que o homem compreendido enquanto *Dasein* se revela, que está em jogo o projeto que ele é. E esse revelar se dá no desvelamento-velamento dos diferentes modos de mostrar-se enquanto presença. Além disso, “nesse estado de abertura, disposição afetiva para aceitar aquilo que se mostra como fenômeno, o homem inicia um novo modo de pensar fenomenológico” (Ximenes et al., 2015, p. 121). Assim, o ser-aí continuamente se dá enquanto disposição expressa pelas tonalidades afetivas, aspecto estrutural fundamental do *Dasein*, as quais radicalmente afinam o espaço existencial da abertura, de modo que “tudo que se apresenta do mundo para alguém é acolhido por meio de uma dada disposição ou uma tonalidade afetiva específica, e tudo o que aproxima, sejam as pessoas, sejam as coisas, aparece entrelaçado aos significados e sentido” (Cardinalli, 2015, p. 251).

Nesse sentido, os afetos ocupam lugar de extrema importância na existência humana. A psicologia científica, por exemplo, finca suas raízes no aprofundamento dos estudos das emoções e se desenvolve a partir de compreensões empíricas sobre

o comportamento, obtidas por meio de métodos que trazem concepções causais e reduzem o fenômeno a estados sensoriais, negligenciando, assim, o seu caráter intencional. Essas concepções limitam o fenômeno das emoções a interpretações de evidência puramente corporais e, assim, pertencentes a um funcionamento anímico.

Na sua época, Heidegger (2009) já tomava posição contra a perspectiva da emoção como “simples constatação de um estado de alma” (p. 190) e contra a redução do anímico a “algo químico” (p. 179). Para compreender melhor essa posição, faz-se necessário descrever de maneira breve uma teoria que carregue em si a base neurocientífica dos afetos (denominada na maioria dos casos de emoção). Para tanto, inicialmente explanam-se as emoções por meio de uma corrente psicológica neurocientífica — proposta por William James — e duas definições filosóficas, estudadas e analisadas pelo próprio Heidegger, concebidas por Scheler e Aristóteles.

Foram eleitas tais concepções para que a compreensão das tonalidades afetivas se aproximasse o máximo possível do desenvolvimento desse conceito pela filosofia heideggeriana ao longo dos anos, considerada como avanços na ontologia das emoções. São concepções que o próprio Heidegger (2009) analisou e após o que considerou que “a interpretação ontológica fundamental dos afetos, desde Aristóteles, não conseguiu dar nenhum passo significativo” (p. 193), acrescentando, com as palavras de Scheler, que “é um mérito da pesquisa fenomenológica ter recriado uma visão mais livre desses fenômenos” (p. 193). Nessa direção, Heidegger indica como ponto positivo do trabalho de Scheler a respeito das emoções o fato de inaugurar o olhar para tal fenômeno que não se orienta por nenhuma categoria prévia, e caracteriza a intencionalidade típica das emoções (como citado em Oliveira, 2020). Ou seja, o olhar de Scheler “oferece um tratamento das emoções, livre de pré-

concepções, vale dizer, nos oferece uma análise descritiva desse fenômeno enquanto tal” (como citado em Oliveira, 2020, p. 66). No entanto, o próprio Heidegger se opõe a alguns aspectos da tese de Scheler, afirmando que ela é obscura, uma vez que

ele não buscou esclarecer e analisar os fundamentos ontológicos existenciais do fenômeno do ato, isto é, Scheler não se preocupou com o ser deste ente que é efetuator de atos, embora ele trate pessoa como unidade de vivência (ser pessoa é ser vivências) e não como uma substância espiritual ou física que eventualmente tem vivências; Scheler não investigou o ser deste ente que efetua atos. (Oliveira, 2020, p. 70)

Diante desse contexto, busca-se, a seguir, percorrer alguns dos caminhos trilhados por Heidegger até o desenvolvimento de sua concepção de tonalidade afetiva. Para o autor, é nessa abertura que está em jogo uma dada afinação ou sintonia do *Dasein* com o mundo. É a tonalidade afetiva que sintoniza as pessoas com o mundo, não meramente um dado estado de humor, mas um fenômeno existencial fundamental que revela diferentes modos de ser da existência humana. Segundo Oliveira, “A disposição indicaria, então, uma estrutura ontológica (*Befindlichkeit*) que é possibilitadora da tonalidade afetiva (*Stimmung*) enquanto maneiras determinadas do *Dasein* sentir-se” (2020, p. 73).

Como apresenta Brito (2015), “a tonalidade que ora predomina é como uma determinação (não no sentido de essência, mas de condição insuperável) para o seu ponto de vista assumido” (p. 43). Assim, as tonalidades afetivas coloreem a existência do ser-aí, afinando suas relações e experiências nessa mesma tonalidade. As tonalidades afetivas são diferenciadas em tonalidades afetivas fundamentais e cotidianas e se atrelam às experiências do ser-aí de formas diferentes. Aqui, na temática tratada, aproximar-se-á das tonalidades afetivas fundamentais, pois são elas

que vão proporcionar ao *Dasein* a possibilidade por romperem com a impessoalidade, com a repetição superficial do mundo no qual o *Dasein* se encontra submerso. São profundas, mobilizadoras e confrontam o ser-aí com sua constituição de negatividade e nadaidade, com sua indeterminação. Entre elas, Heidegger se debruçou sobretudo sobre a angústia e o tédio profundo, no entanto, convém ressaltar a existência não de apenas uma ou duas tonalidades afetivas, mas de diversas tonalidades fundamentais (Heidegger, 2003). Por intermédio das tonalidades fundamentais proporciona-se um esvaziamento dos sentidos pelo mundo simplesmente dado, resgatando-se o ser-aí da indiferença cotidiana e possibilitando-lhe o escape de sua condição de nadaidade, estranheza e indeterminação (Feijoo, 2011).

Retomando o foco deste estudo, apresenta-se a seguir como o tédio é compreendido ao longo da história de modo a se contextualizar o caminho percorrido, desde a emoção até o atravessamento, modo mais originário de existência.

2.1 Aspectos Históricos Sobre o Tédio: Da Emoção ao Atravessamento

Em uma sociedade que oferece em todos os segundos do dia estímulos de entretenimento, o tédio parece estar se revelando presente na vida das pessoas. Por isso, a experiência do entediado, aliada às suas várias compreensões, pode ser considerada um atravessamento social e cultural (Salem, 2017).

Nesse contexto, portanto, torna-se possível compreender esse fenômeno mediante as várias conceituações que se propuseram a defini-lo até os dias atuais. Em vista disso, grande parte da história apresenta o tédio como uma interpretação subjetiva, um fato que se distancia da concepção que dele extrai a leitura heideggeriana, superadora da ideia de subjetivação desse humor. Mas antes de se

mergulhar na compreensão de tédio de Heidegger, faz-se necessário visitar os vários caminhos que a experimentação desse fenômeno foi mostrando nas tramas do tempo.

A compreensão mais usual do tédio o considera uma emoção e a história o retrata assim ao longo dos anos. Considerando-se o surgimento do termo na linguagem e tomando-se tal aspecto como norteador, encontra-se tal registro na linguagem inglesa a partir do século XVIII, mais precisamente em 1970 (Bernstein, 1975; Healy, 1984; Spacks, 1995 como citados em Salem, 2017). Nesses momentos iniciais, as múltiplas interpretações do tédio apresentam particularidades significativas no que se refere às demais emoções antecedentes.

O tédio surge no bojo das principais transformações do período moderno. Seu uso frequente, a partir de então, sobretudo em obras literárias europeias, ajuda a mapear seus significados e sua importância, indicando que as descrições que os indivíduos passaram a fazer de si mesmos e de suas experiências subjetivas encontraram nessa emoção um importante conceito organizador de sentido. Nesse contexto, algumas das transformações impostas à vida sociocultural e subjetiva dos indivíduos nesse período fomentaram um ambiente fértil no qual o tédio viria a encontrar temperatura e solo propícios para germinar. Em uma palavra, sugerimos, portanto, que o tédio é indissociável da história do sujeito moderno. (Salem, 2017, p. 21)

O mesmo autor relaciona a gênese do tédio a três fatores principais: o processo de aprofundamento de consciência de si, a afirmação do individualismo e o domínio da religião (desencantamento do mundo). Salem (2017) acrescenta que na segunda metade do século XVIII, uma nova percepção de si e dos outros levava ao surgimento de novas concepções sobre o tédio. Era a abertura de um entendimento

que demonstrava uma nova preocupação com a vida subjetiva e emocional das pessoas.

Elias (1990) considera as transformações ocorridas no interior da sociedade entre os séculos XVI e XVIII, nas quais a psicologização e a racionalização das condutas levaram os comportamentos da sociedade (Corte) europeia ao distanciamento dos impulsos emocionais. Inegavelmente, o olhar de autocontrole da época produziu comportamentos contrários a isso e levou as pessoas a desenvolverem um distanciamento das próprias condutas, aumentando proporcionalmente a consciência de si e dos processos de subjetivação, os quais, nesse período, cabem na compreensão do tédio existente na época.

No que diz respeito ao individualismo, Dumont (1985) aponta as revoluções burguesas como desencadeadoras do surgimento de uma sociedade que atribui à pessoa valor central no universo, de modo que os fins sociais foram subordinados às ambições próprias de cada um.

Destacando-se progressivamente das totalidades e das hierarquias que o continham, e norteado pelos ideais de igualdade e de liberdade (defendidos na Declaração dos Direitos do Homem), o indivíduo passou a fazer sentido em si mesmo, a ponto de subordinar os fins da sociedade aos seus próprios anseios. Paralelamente, uma nova ênfase passou a ser conferida à experiência individual. Por um lado, como destacado, tal processo favoreceu a transformação dos eventos mentais em objeto de atenção privilegiada, e, por outro, fez derivar a ideia de um “direito à felicidade” individual, concomitante, portanto, ao surgimento da noção de tédio. Assim, é justamente a percepção da existência humana como arena para a busca da felicidade — cujo índice principal é a obtenção de prazer na vida diária — que se associa com a

elevação do tédio a uma categoria fundamental da experiência humana. Como afirma Arendt, “uma demanda universal pela felicidade e uma infelicidade generalizada em nossa sociedade . . . não são mais do que dois lados da mesma moeda”. (Arendt como citado em Salem, 2017, p. 22)

Outra semente plantada no solo fértil que produziu uma compreensão moderna do tédio é a religião. Nesse sentido, encontra-se um humor — nomeado, na perspectiva religiosa, como acídia – que é reconhecido, na ótica de autores como Healy (1984), Huguet (1984), Kuhn (1976), Peters (1975) e Spacks (1995), todos citados em Salem (2017), como um antepassado remoto dessa compreensão.

Salem (2017) ainda relembra que a literatura monástica considerava a acídia como preguiça ou indiferença espiritual. Associada a esse pecado capital, consistia em inaptidão da pessoa de se comprometer com a realização de obrigações religiosas. No século IV a palavra é denominada de “demônio do meio-dia” (*daemon meridianus*), cuja chegada esgotava as energias do fiel de tal forma que o incapacitava para a busca de Deus. Isso enchia os monges de dúvidas sobre o limite da entrega de uma vida à experiência religiosa. Nesse mesmo século, o monge Cassiano expõe a acídia com riqueza de detalhes, identificando-a no comportamento do monge que

olha ansiosamente para este e para aquele lado, e, lastimando que nenhum dos irmãos vem vê-lo, por várias vezes entra e sai de sua cela, frequentemente fixando seu olhar no sol, como se estivesse demorando a se pôr. E então uma confusão irracional toma posse de sua mente como uma escuridão, tornando-o ocioso e inútil para qualquer trabalho espiritual. Não é capaz de imaginar a existência de cura para tão terrível ataque; apenas o alívio na visita de algum

irmão ou no conforto de seu sono solitário (Spacks, 1995, p. 11 como citado em Salem, 2017, p. 23)

Ao longo dos séculos a palavra acídia passa por transformações, que se voltam também para abranger as emoções dos leigos. Entre os séculos XIII e XIV, sua concepção se amplia e volta a sofrer alterações respectivamente ao desequilíbrio de humores — melancolia, principalmente — envolvendo o físico, o emocional e o espiritual (Peters, 1975 como citado em Salem, 2017). Sobre esse desenvolvimento, Salem acrescenta que

Ainda no século XIV, a influência do latim na tradução de textos religiosos ligou a acídia a termos como o *ennui*, na língua francesa, e a termos da língua inglesa como preguiça (*sloth*), enfado (*weariness*) e monotonia (*dreariness*), usados de forma intercambiável com o termo de sentido religioso. A separação definitiva, porém, entre o tom teológico e o secular da acídia consumou-se apenas no bojo das revoluções ocorridas entre os séculos XVII e XVIII, momento em que se processa uma crescente revolta contra o poder religioso exercido pela Igreja. (Salem, 2017, p. 23)

Herdeiro da acídia, o tédio teria o mesmo significado dessa condição, todavia desvinculado do sentido religioso. Essa diferença entre os termos é significativa porque possibilita que se compreenda o surgimento da experiência do tédio como um modo de dispor-se no contexto moderno. Muda-se o seu sentido de obrigação não cumprida e dívida com Deus (incapacidade, pecado), que dá lugar ao seu enquadramento na categoria de prazer propiciado por meio da autonomia e da liberdade individual. Segundo Salem (2017, p. 45), o percurso do “para fora” da acídia ao “para dentro” do tédio marca a transição cuja interioridade se tornará privilegiada.

As discontinuidades assinaladas entre a acídia e o tédio atestam uma transformação na experiência das mentalidades que, por sua vez, pode ser creditada à passagem de um mundo no qual os valores religiosos eram organizadores de sentido para um mundo progressivamente “desencantado” (Weber, 1967). Mais ainda, o declínio da religião se mantém como referência fundamental aos sentidos posteriormente assumidos pelo tédio. Ao longo dos séculos subsequentes são inúmeras as associações estabelecidas entre essa emoção e a perda da transcendência como fator propiciador de sentido à vida dos indivíduos.

No final do século XVIII, o iluminismo passa a conduzir a transformação ideológica da época e, conseqüentemente, marca os vários conceitos de tédio que, por meio do olhar sobre a racionalidade, torna-se uma emoção a ser “explorada, desvendada e combatida” (Salem, 2017, p. 24). A consolidação da burguesia transforma o tédio em expressão de mal-estar, um estatuto de fraqueza moral e insuficiência interna, inerente à condição humana. No entendimento de Samuel Johson, trata-se de uma espécie de inadequação moral fruto de uma ânsia de realização dos indivíduos no mundo externo, alguns dos quais estão sempre à procura de

despertar algum novo desejo para que tenham algo a perseguir, para reacender alguma esperança que já sabem que será frustrada, trocando uma diversão por outra que dentro de poucos meses terá se tornado igualmente insípida, ou afundando em languidez e doença, por quererem algo que mobilize seus corpos ou alegre suas mentes. (Spacks, 1995, pp. 42-43 como citado em Salem, 2017, p. 25)

Seguindo os ideais burgueses da época, que enfatizavam a ideia positivista de trabalho, família e dever cívico, o tédio entra no conjunto dos prazeres frívolos que corrompem o puritanismo de então. Logo, “um pai, um filho, um marido e um cidadão têm deveres tão caros a cumprir, que nada lhes resta para dedicar ao tédio” (Sennett, 1999, p. 149). Assim, faz-se necessário o adestramento desses prazeres para se escapar do tédio.

No século XIX, dois aspectos importantes direcionam a visão que se tem sobre o tédio: a contestação da ideia oitocentista de que a derrota do tédio se dá por meio da vontade e da ação, quando, na verdade, ele está enraizado na pessoa e não há remédio que o possa combater, e a concepção dessa emoção como um privilégio de poucos, sendo considerado privilégio de poucos.

Ainda nesse período o tédio torna-se tema presente em várias manifestações artísticas, especialmente na literatura europeia, afinando-se com a mentalidade romântica emergente, com a exacerbação dos afetos, emoções e sofrimentos. “De modo geral, o ideário romântico se insurge contra o materialismo e o cientificismo do período, relevando a função do sentimento em detrimento da razão, das ciências naturais diante do mecanicismo, da subjetividade diante da objetividade” (Salem, 2017, p. 26). Com a noção de interioridade em uma sociedade marcada notadamente pela raiz romântica, o tédio surge no altar do culto aos sentimentos de interioridade e sofrimento. Sobre a exaltação a esse sentimento, o poeta italiano Giacomo Leopardi escreve:

O tédio é o *mais sublime dos sentimentos humanos*. ... Não ser capaz de obter satisfação com coisas terrenas ... sentir que tudo é insignificante e medíocre em contraste com a capacidade do nosso espírito; ... sempre acusar as coisas de serem insuficientes e sem valor, sofrer da ausência e do vazio e, assim, do

tédio, parece-me *o maior dos signos de grandeza e nobreza que se podem encontrar na natureza humana*. (como citado em Salem, 2017, p. 27)

Em suma, a concepção do tédio no século XIX apresenta um caráter de contrastes que abrangem desde a possibilidade que oferece de as pessoas manterem contato consigo mesmas mediante a interioridade até a geração de grande sofrimento que provoca, cujo padecer diferencia as pessoas da mediocridade da sua vida cotidiana. Em contrapartida, no século XX, considerando um olhar generalista, o tédio passa a ser associado a sensações de vazio, ansiedade e excitação. O romantismo do século anterior dá lugar à autorreferência narcísica. Para Salem (2017),

na contemporaneidade, a interioridade romântica cede lugar à autorreferência narcísica, e o tédio, agora relacionado a identidades plurais, carentes de referências fixas, não mais se associa à busca de sentido interior. Antes, expressa um vazio não mais trágico ou desesperado, mas inquieto e ansioso. Emergindo no intervalo vazio das sensações, na falta de desejo pela espera, pode-se afirmar, o tédio contemporâneo encontra-se na contraface da cultura das sensações. (p. 30)

Assim, depara-se com a mudança do tédio, agora construído como “*culto às sensações*” e não mais como “*culto dos sentimentos*” (Salem, 2017, p. 29). Após esse breve resumo histórico da construção do conceito do tédio, passa-se por uma perspectiva na qual se apresenta tão somente como emoção, rumo à compreensão do ser que se entedia em primeiro lugar. Para se questionar o sentido do tédio na existência na modernidade é fundamental compreender o que é a afetividade que atravessa os indivíduos. Para isso, recorre-se ao olhar heideggeriano sobre as tonalidades afetivas e a experiência do tédio no olhar existencial.

2.2 As Raízes da Compreensão Heideggeriana dos Afetos

Para se compreender os afetos é preciso entender inicialmente quem sente. Se dizem respeito ao que se sente, é importante que se interrogue acerca do que é a afetividade que constitui o ser. Nesse sentido, é importante demarcar as diferenças existentes entre a concepção de subjetividade, descrita no tópico anterior, e o projeto de superação dessa concepção na perspectiva heideggeriana da existência.

A descrição histórica do tédio, detalhada na sessão anterior, diz respeito a uma compreensão do ser-humano enquanto interioridade e, conseqüentemente, diz respeito a uma noção de subjetividade enquanto interioridade psíquica. Heidegger, em sua *Analítica Existencial*, rompe com tal perspectiva acerca do modo de ser do ser-humano na medida em que põe em questionamento a própria perspectiva metafísica e volta-se para compreender a questão do ser enquanto ser.

Nesse sentido, retomando os escritos acerca das contribuições de Heidegger, o modo de ser do ser-humano não é mais tomado como sujeito e sim como *Dasein*. A existência não é mais concebida em um caráter substancial, mas na sua condição temporal. Logo, para compreender as tonalidades afetivas é preciso partir do pressuposto do ser-humano como temporalidade e não como subjetividade (Ferreira, 2017).

Por isso, Heidegger considera as tonalidades afetivas como dimensão ontológica cuja afinação é parte constitutiva do *Dasein*. Onticamente, isso se dá como humores, afetos. Segundo Araújo (2021, p. 15),

Em alemão, o termo é *Befindlichkeit*. Onticamente, isso se dá como humores, afetos. Em alemão, é *Stimmung*. Quando compreendidas a partir do seu significado original em alemão — *Befindlichkeit* — é possível alcançar a

profundidade do sentido deste termo, que significa situar-se, possivelmente em sua própria autenticidade e modo de abertura. Para Heidegger (INWOOD, 2002, p. 94) “[...] representa ‘encontrar-se, estar situado, localizado’”.

Nesse sentido, a mesma autora compara os humores à afinação das cordas de um violão, sendo o humor a demonstração de como a pessoa percebe e é afetada pelo mundo. Para Soares (2010), os humores não dizem respeito a estados psíquicos ou sentimentos, mas à força que advém das pessoas e das coisas concomitantemente. Assim, é por meio das tonalidades afetivas que experiências são afinadas ao ser-aí. Heidegger cita que “o humor revela como o Dasein está e, portanto, como o conduz para ser-aí” (como citado em Inwood, 2002, p. 94).

Em sua obra *Ser e Tempo*, Heidegger trata o Dasein como disposição (*Befindlichkeit*), e diferencia termo de tonalidade afetiva (*Stimmung*) e em termos de ontológico e ôntico: “O modo do homem ser no mundo, . . . é sempre marcado por uma tonalidade afetiva. Isso implica dizer que, onticamente, na vida humana está sempre presente tudo aquilo que chamamos de afeto, emoção, sentimento” (como citado em Pompeia & Sapienza, 2011, p. 162). Nesse contexto, segundo Heidegger (2009),

O que indicamos ontologicamente com o termo disposição é, onticamente, mais conhecido e o mais cotidiano, a saber, o humor, o estado de humor. Antes de qualquer psicologia dos humores, ainda bastante primitiva, trata-se de ver este fenômeno como um existencial fundamental e delimitar sua estrutura. (p. 188)

Heidegger (2009) mostra que o ser se revela enquanto disposição e se configura como tonalidade afetiva que, mesmo em caráter transitório, aponta algo. Logo, os humores apresentam algo do ser mesmo que não se consiga perceber. Se

as disposições das pessoas variam é porque elas são atravessadas pela facticidade de ser-no-mundo, ou seja, elas são disposição. Por isso, as variações das tonalidades afetivas dizem respeito ao modo como as pessoas se encontram em cada situação em sua existência, enquanto essa abertura originária que já são como seres-no-mundo-juntos-a.

As tonalidades afetivas são onticamente notáveis, portanto, são as que se constituem como as mais mutáveis do *Dasein*. Assim a estrutura originária e constitutiva do ser (disposição) se apresenta a partir das tonalidades afetivas enquanto fenômeno ôntico.

Se a mutabilidade é típica dos estados de humor, a prontidão com que aparecem e desaparecem prova que o *Dasein* sente: como está a sua situação como ser-no-mundo. É também onticamente visível que o *Dasein* é sensível a ser-no-mundo e afetado por ser-no-mundo, mas essa possibilidade só é viável porque existe uma fonte onde todos os sentimentos podem brotar ontologicamente. Essa fonte é a disposição, o sentimento abrupto de se encontrar aí no mundo. É constitutivo e originário do *Dasein* sentir-se no seu “aí”, na nudez da sua condição original. É, pois, da ordem da afetividade o acesso que o *Dasein* tem à contingência, instabilidade e precariedade da sua existência. (Moutinho, 2000, p. 44)

Nesse sentido, a disposição afetiva se apresentaria como uma estrutura ontológica (*Befindlichkeit*), que possibilitaria a tonalidade afetiva (*Stimmung*), que, por sua vez, representa a maneira de sentir do *Dasein*. Ontológico diz respeito ao ser e ôntico se refere ao ente. Sobre essa perspectiva, Heidegger (2009) aponta que todo ser é o ser de um ente, sendo, dessa forma, inviável pensá-los separados. Caminhando no mesmo rumo, Oliveira (2006) afirma que “O ser de um ente é o que

determina a natureza que ele tem, o seu tipo, o que lhe dá sentido e o faz compreensível enquanto tendo um modo de ser determinado” (p. 62). Sobre isso, Heidegger indica que:

Tanto a equanimidade impassível quanto o desânimo reprimido na ocupação cotidiana, a passagem de um para outro, o resvalar no mau humor não são, do ponto de vista ontológico, um nada, por mais que esses fenômenos passem despercebidos para a pre-sença, sendo considerados como os mais indiferentes e os mais passageiros. (2009, p. 188)

Afetadas em uma dada disposição pelo modo como as coisas transcorrem, as tonalidades afetivas passam de um estado de humor a outro, ou seja, é a disposição, a abertura do ser ao mundo que dita essas variações. Para Moutinho (2000):

Se a mutabilidade é típica dos estados de humor, a prontidão com que aparecem e desaparecem prova que o Dasein sente: como está a sua situação como ser-no-mundo. É também onticamente visível que o Dasein é sensível a ser-no-mundo e afetado por ser-no-mundo, mas essa possibilidade só é viável porque existe uma fonte onde todos os sentimentos podem brotar ontologicamente. Essa fonte é a disposição, o sentimento abrupto de se encontrar aí no mundo. É constitutivo e originário do Dasein sentir-se no seu “aí”, na nudez da sua condição original. É, pois, da ordem da afetividade o acesso que o Dasein tem à contingência, instabilidade e precariedade da sua existência. (p. 44)

Pode-se dizer que as variações de humor não são respostas fisiológicas apenas, mas também constituem os modos da abertura do ser humano como ser-no-mundo. Referindo-se aos aspectos ontológicos dessa disposição, Heidegger (2009) oferece três teses:

[...] a disposição abre a pre-sença em seu estar-lançado e, na maior parte das vezes e antes de tudo, segundo o modo de um desvio que se esquiva. [...] ela é um modo existencial básico da abertura igualmente originária de mundo, de co-pre-sença e existência, pois também este modo é em si mesmo ser-no-mundo. [...] o mundo que já se abriu deixa e faz com que o ente intramundano venha ao encontro. Essa abertura prévia do mundo, que pertence ao ser-em, também se constitui de disposição. Deixar e fazer vir ao encontro é, primariamente, uma circunvisão e não simplesmente sensação ou observação. (pp. 190-191)

Independentemente do envolvimento da consciência, a disposição afetiva é o modo como o ser-em do *Dasein* encontra-se no mundo em contextos e relações existenciais. Ao se revelar o estar-lançado-no-mundo, no curso da existência, na facticidade de ter-de-ser desvia-se, na cotidianidade mediana, das possibilidades “próprias” de ser-nos-mesmo, distancia-se da condição originária enquanto poder-ser. Logo, a disposição abre também a dependência e abandono ao mundo do indivíduo, onde se desvia de si mesmo (Heidegger, 2009).

Heidegger (2009) observa que o *Dasein* pode estar em uma tonalidade afetiva sem se dar conta, o que reforça a tese da abertura originária. Logo o *Dasein* pode encontrar-se não apropriado da sua própria condição enquanto abertura ao mundo e a tudo aquilo que lhe vem ao encontro em seu poder-ser — o que pode significar uma fuga de si mesmo. Sobre as mostrações dos humores, ele descreve: “O fato de os humores poderem se deteriorar e transformar diz somente que a pre-sença já está sempre de humor. Nesse mau humor, o ser do pre se mostra como peso. Porque, não se sabe” (p. 188).

Portanto, é nessa tonalidade afetiva que ele se mostra como peso que o Dasein não identifica porque isso ocorre. E esse não saber pode estar ligado tanto à inacessibilidade cognitiva às razões do mau humor quanto à sua formação, tão primária que não se pode explicar.

Para Heidegger (2009):

Na maior parte das situações ôntico-existenciárias, a pre-sença se esquivava ao ser que abre no humor; do ponto de vista ontológico existencial, isso significa: naquilo de que o humor faz pouco caso, a presença se descobre entregue à responsabilidade do pre. É no próprio esquivar-se que o pre se abre em seu ser. Esse “fato de ser”, caráter ontológico da pre-sença, encoberto em sua proveniência e destino, mas tanto mais aberto em si mesmo quanto mais encoberto, chamamos de estar-lançado em seu pre, no sentido de, enquanto ser-no-mundo, esse ente ser sempre o seu pre. A expressão estar-lançado deve indicar a facticidade de ser entregue à responsabilidade. (p. 189)

Logo se as tonalidades afetivas dizem respeito ao modo da abertura do ser, então isso significa compreender que se lida com as coisas do mundo primeiramente de modo afetivo, e não meramente cognitivo. E é justamente pela linha da afetividade que o Dasein é colocado frente a frente consigo mesmo:

Enquanto ente entregue à responsabilidade de seu ser, ele também se entrega à responsabilidade de já se ter sempre encontrado — encontro que não é tanto fruto de uma procura direta mas de uma fuga. O humor não realiza uma abertura no sentido de observar o estar-lançado e sim de enviar-se e desviar-se. [...] O humor coloca a pre-sença diante do fato de seu pre que, como tal, se lhe impõe como enigma inexorável. (Heidegger, 2009, p. 190)

Levando-se em consideração que grande parte da experiência clínica do século XXI preocupa-se com o controle dos afetos sob a ótica da razão, compreender fenômenos do tédio a partir do olhar do afeto como abertura poderá indicar novos caminhos na ação clínica. Essa intervenção necessariamente diz respeito a um olhar clínico hermenêutico-fenomenológico que ratifica a disposição afetiva enquanto abertura e a tonalidade afetiva enquanto emoção de ser-no-mundo.

2.3 Tédio Enquanto Esvaziamento Radical do Tempo

Se as pessoas são abertura (disposição afetiva) e são no mundo e no mundo se constituem, o tédio não se configura como um sentimento ou estado, mas como uma tonalidade afetiva que se mostra, onticamente, nos humores. A relação das pessoas com o mundo se transforma a partir dos seus humores. Segundo Heidegger (2003):

Uma tristeza se abate sobre um homem com o qual convivemos. Será que tudo se dá apenas de um modo tal que este homem possui um estado relativo a uma vivência? Afora isto, tudo permanece como antes? Ou o que acontece aqui? O homem que se torna triste se fecha, se torna inacessível, sem com isso ser rude para conosco. Somente isto se dá: ele se torna inacessível. Não obstante, estamos junto dele como antes. [...] Tudo está como antes, e, porém, tudo está diverso. Não somente sob este ou aquele aspecto, mas, sem prejuízo do caráter próprio ao que fazemos e no que nos inserimos, o como, no qual estamos, é diverso. (Heidegger, 2003, p. 79)

Para o autor, é-se permanentemente afinado por um humor e é nele que o mundo se mostra em cada situação existencial. Casanova (2009) observa que

“Tonalidades afetivas são como atmosferas, que nos envolvem de tal forma que tudo imediatamente se mostra a partir de seu modo de afinação” (p. 109). Nesse sentido, pode-se dizer que se acessa o mundo existencialmente. Logo, entende-se onticamente a tonalidade afetiva a partir do caráter ontológico da disposição.

Pode-se então dizer que há o encobrimento ou desvelamento a partir da afinação de humor do ser-aí. Assim, “tonalidades afetivas, são jeitos fundamentais nos quais nos *encontramos* de um modo ou de outro. Tonalidades afetivas são o *como* de acordo com o qual as coisas são para alguém de um modo ou de outro” (Heidegger, 2003, p. 81).

Pressuposto da ação e do pensamento, o humor corresponde à afinação do *Dasein* com seu espaço, à pronúncia imediata do mundo. Por isso, as tonalidades afetivas se apresentam permanentemente como condição de possibilidade para a abertura à experiência fática do mundo. Logo, a tonalidade afetiva se apresenta como presença-ausente, pois não se pode visualizá-la, ela não está localizada em um determinado local, mas perpassa o ente em sua totalidade e se estabelece no “como” da mostraçã dos fenômenos no mundo (Feijoo & Costa, 2020). Nas palavras de Heidegger:

Uma tonalidade afetiva é um jeito, não apenas uma forma ou um padrão modal, mas jeito no sentido de uma melodia, que não paira sobre a assim chamada presença subsistente própria do homem, mas que fornece para este ser o tom, ou seja, que afina e determina o modo e o como de seu ser. (Heidegger, 2003, p. 81)

Para Feijoo e Costa (2020), cotidianamente, o caráter de ausência da tonalidade afetiva dá a ela o poder de afinar de maneira total os entes em geral como se não estivesse de fato presente. Por isso que, para o entendimento mais comum,

ela parece ausente e só se apresentaria em situações limites nas quais o ser-aí estivesse exposto. Ainda seguindo esse raciocínio, os autores apontam que, na ausência dessas situações, o ser-aí retornaria a uma neutralidade sem nenhuma afinação. Porém, a tonalidade afetiva se torna mais enraizada e influente na distração dos tons do cotidiano:

Exatamente porque a essência da tonalidade afetiva consiste em não ser nenhuma manifestação paralela, mas nos remete para o fundamento do ser-aí, ela permanece velada ou disfarçada para nós. É por isso que apreendemos inicialmente a essência da tonalidade afetiva a partir do que a princípio se abate sobre nós: a partir dos rompantes extremos da tonalidade afetiva, a partir do que irrompe e se dissipa. Porque tomamos a tonalidade afetiva a partir dos rompantes, elas parecem ser eventos entre outros e desconsideramos o ser afinado de modo peculiar, a tonalidade afetiva que atravessa originariamente todo ser-aí enquanto tal. (Heidegger, 2003, p. 82)

Sobre isso, o próprio Heidegger (2003) acrescenta que as tonalidades afetivas mais poderosas são aquelas cuja afinação se manifesta como se nenhuma tonalidade existisse. Portanto, o ser-aí cotidiano parece agir sem nenhuma afinação na sua experiência de mundo. Todavia, as tonalidades afetivas não cotidianas confrontam o ser-aí com o nada de si-mesmo. Assim, em razão da conexão dessas tonalidades afetivas com a experiência do ser-aí em sua essencialidade, enquanto fundamento nulo de si-mesmo (Heidegger, 1988), essas tonalidades são chamadas de fundamentais (*Grundstimmungen*), e, como antes mencionado, ressaltam a disposição afetiva inapercebida que permanece adormecida no fundo do Dasein e o afastam do estar ocupado cotidiano, focando a atenção sobre aquilo que ele é em propriedade, autenticamente, o que ele é em si mesmo (Heidegger, 2003).

Nessa direção, encontrado nas ações cotidianas de maneira velada, o tédio, portanto, é uma experiência que pode afinar o encontro do indivíduo com o mundo. Essa tonalidade pode surgir de três formas: como um tempo que parece não passar e no qual o acontecimento nunca chega; como algo que torna o tempo enfadonho em um momento no qual ele deveria ser agradável; ou como uma situação que torna a totalidade do mundo tão indiferente que anula a possibilidade de envolvimento, distraindo as pessoas de si próprias. O tédio como tonalidade afetiva fundamental corresponde a essa última forma, e é ela que Heidegger chama de tédio profundo (Heidegger, 2003).

A tonalidade afetiva fundamental do tédio profundo foi pensada por Heidegger (2003) em relação ao tempo e ao modo como é experimentado. De acordo com o autor, a experiência do tédio se dá na percepção da temporalidade e comumente é tomada como um tempo no qual as pessoas se veem entediadas e buscam entreter-se com passatempos.

Como citado anteriormente, o filósofo alemão descreve três possibilidades de experimentação do tédio: a de ser-entediado por algo, de entediar-se junto a algo e a de dá-se tédio a alguém. Na primeira possibilidade, vê-se entediado pela quebra do ritmo das atividades e ocupações do cotidiano às quais se dedica e se relaciona com o tempo em uma espera não programada e determinada. Feijoo (2011) aponta que “o tédio pode ser neste caso abafado, na medida em que encontramos um passatempo, algo que faz com que o tempo passe mais rápido. Com isto, porém, não escutamos a origem propriamente dita dessa tonalidade afetiva” (p. 50).

Assim, o tédio é superficial, algo que acomete a pessoa de fora e que se preenche com utilidades que afastam o anúncio do tédio profundo e a conduz de volta à familiaridade do cotidiano. Mattar (2020), a partir de Heidegger, exemplifica este

primeiro modelo de tédio como uma espera em uma estação de trem, onde se chega muito cedo e se tem de aguardar o próximo embarque — uma situação determinada que interrompe o fluxo do cotidiano, um inconveniente que logo é superado ao se voltar à cadência do impessoal.

No segundo modelo, entedia-se junto a algo, em uma experiência do tédio que não é totalmente de fora como a primeira e é tida como situação intermediária, na qual se anuncia o ser-aí. Heidegger apresenta um evento festivo como exemplo desta segunda possibilidade de experimentação do tédio e Mattar (2020) o aprofunda, destacando que não há à primeira vista algo a ser considerado entediante ou uma quebra óbvia de fluxo cotidiano, como no primeiro exemplo, entretanto, entedia-se da mesma forma. Não é a festa que traz o tédio, mas as pessoas que se entediam junto à festa.

Por fim, o terceiro modo do tédio, dá-se tédio a alguém, também tido como tédio profundo, fundamental, é aquele no qual o ser-aí se vê radicalmente exposto à sua nada constitutiva e à impossibilidade de retorno à familiaridade do impessoal e do cotidiano. O tédio profundo não acomete a pessoa de fora ou é intermediário, mas é essencialmente constitutivo do ser-aí e expõe a quebra da percepção de tempo, na qual não há tempo ou sentido.

Mattar (2020) descreve o tédio profundo como

O dá-se tédio a alguém faz com que todas essas definições e papéis pelos quais o ser-aí se toma e se descreve caiam por terra. Não significa que haja uma saída do *eu* empírico, individual, para um *eu* em geral, abstrato. O que acontece é que nos transformamos aí “em um ninguém indiferente”. (p. 160) Essa insignificância é a condição originária do ser-aí, de início e cotidianamente absorvida e encharcada de mundo como o ente na totalidade.

É por não ter nenhuma significância *à priori* que pode assumir esta ou aquela, mas isso não muda sua condição originária: nada de ser. (Mattar, 2020, p. 97)

Dessa forma, o tédio profundo apresenta um vazio na perda da familiaridade que se conquista nas ocupações e nos sentidos previamente dados em relação ao mundo e, sem estes, o ser-aí se vê despersonificado, anunciando a totalidade que é inaceitável às pessoas. Feijoo (2011) compreende o tédio profundo como uma possibilidade de despertar-se o ser-aí da cotidianidade, um esvaziamento radical do tempo, tomado por radical indiferença. A partir desse esvaziamento de sentidos e ausência de significações, pode-se abrir um espaço para outras possibilidades criativas e de singularização.

3 Os Rumos do Percurso: Material e Métodos

Hermenêutica significa antes de tudo o fato de algo falar para mim e me colocar em questão, na medida em que me coloca uma questão. Por isso, a linguagem nunca é senão no diálogo o que ela pode ser, uma vez que ela abre no jogo de pergunta e resposta uma visão que não se oferece nem na minha perspectiva, nem na perspectiva do outro. (Gadamer, ano, p.)

Investigar os impactos de um fenômeno no auge da sua efervescência, experienciando suas agruras e consumindo a cada dia as fagulhas de sua chama, exige o desenvolvimento de uma investigação que se oriente em uma postura cujo desenvolvimento esteja longe de um método puramente quantitativo. Para se compreender a complexidade do tédio no *setting* terapêutico se faz necessária uma metodologia com sentido diferente a partir de uma investigação que leve em conta a relação circular entre a pessoa e o fenômeno, em um jogo de velamento e desvelamento do discurso.

Nessa direção, em consonância com a vertente pós-estruturalista de interpretação, a narrativa construída não fará jus à tradição proposta pela ciência positivista, que preconiza a “tentativa de legislar uma versão de verdade acima de outra” (Denzin & Lincoln, 2006, p. 22). Dessa forma, o discurso e os métodos utilizados nesta pesquisa representarão o horizonte desvelado entre o pesquisador e os interlocutores. No entanto, convém ressaltar que ao traçar esse caminho não se pretende negar o viés da razão e da verdade tradicionalmente dominante, isso porque

“é melhor entendermos a investigação qualitativa como um terreno ou uma arena para a crítica científica social, do que um tipo específico de teoria social, metodologia ou filosofia” (Schwandt, 2008, p. 194). Aqui, vincula-se à filosofia interpretativista à medida que considera toda ação humana inerentemente significativa, sendo necessário, portanto, que o investigador compreenda o significado que tal ação possui.

Dizer que uma ação humana é significativa é o mesmo que alegar que esta possui certo conteúdo intencional que indica seu tipo de ação e/ou que o significado de uma ação pode ser compreendido apenas como o sistema de significados ao qual esta pertence. [...]. Para encontrar significado em uma ação, ou para afirmar que se entende o que de uma determinada ação significa, é necessário que se interprete de um modo específico o que os atores estão fazendo. (Schwandt, 2008, pp. 195-196)

Como se está tratando de um horizonte que necessita de uma clareza da voz do outro, por ser essa a manifestação de sua tonalidade afetiva, foi necessário, nesse encontro de mundos, buscar um método que encontra manifestações de possibilidade entre sujeito e fenômeno cuja separação não acontece totalmente. Nesse sentido, é a hermenêutica filosófica proposta por Gadamer que pauta a compreensão interpretativa adotada neste estudo (Schwandt, 2008). Esta por sua vez, considera que a compreensão não é uma tarefa controlada por procedimentos ou regras, preconizando que ela é uma condição do ser humano. Sendo assim, “a compreensão é a interpretação” (Schwandt, 2008, p. 198). Outra característica a ser destacada provém da ausência de esforço por parte do intérprete para livrar-se da tendenciosidade ou de preconceitos sócio-historicamente herdados. É preciso que se considere que as tradições e julgamentos não são controláveis e, por isso, não

podem ser desconsiderados conforme as necessidades do pesquisador. Além disso, “a compreensão é participativa, conversacional e dialógica [...] é algo produzido nesse diálogo, e não algo reproduzido por um interprete por meio de uma análise do diálogo que ele procura compreender” (Schwandt, 2008, p. 199). Portanto, a compreensão é em si mesma um tipo de experiência “no” e “sobre” o mundo, sendo algo do fluxo do “vivido” ou do existencial.

Ainda a esse respeito, a hermenêutica, como a compreende Stein (1996), sempre olha dois focos: prestando atenção a um e encobrindo o outro ou falando do outro e encobrindo o primeiro.

Formado pela união do vocábulo *meta*, que significa “além”, “para lá”, com *hodos*, que quer dizer “caminho”, o método configura-se como “caminho que leva a algo, uma área, o caminho pelo qual estudamos um assunto” (Heidegger, 2006, p. 119). Assim, o método é um “caminhar para” cujo destino não renuncia a um local previamente definido, tampouco recusa o caminho cujas trilhas conduzirão o pesquisador aos tradicionais resultados replicáveis da ciência da natureza.

A trilha que conduz ao destino dessa pesquisa não leva a um horizonte previsto ou antecipado hipoteticamente cujo resultado pode ou não ser confirmado, todavia abre o campo de produção de sentido enquanto possibilidade em novas perspectivas, não generalizáveis, porém igualmente válidas e confiáveis. São compreensões cuja “experiência de verdade, que ultrapassa o campo do controle da metodologia científica, e indagar de sua própria legitimação, onde quer que a encontre” (Gadamer, 1997, p. 32).

A seguir apresentam-se os materiais e métodos utilizados para se alcançar os objetivos da pesquisa em questão, na qual até o momento se situou a concepção

norteadora adotada, de modo a se delinear a postura epistemológica que guiará o trajeto a ser trilhado adiante.

3.1 As Características da Trilha

Fruto de uma construção complexa, a experiência fenomenológica, como tudo que envolve a existência, não pode ser apreendida em sua totalidade, por isso o caminho epistemológico trilhado será compreendido mediado por sua historicidade. Nesse sentido, todo o processo hermenêutico não se limita a prover o estudioso de explicações mensuráveis, mas se caracteriza por proporcionar um encaminhamento da compreensão do que é estudado como abertura de possibilidade na experiência do fenômeno.

Nessa direção, quanto ao método utilizado recorreu-se a um enfoque qualitativo, caracterizado por ressaltar

a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Esses pesquisadores enfatizam a natureza repleta de valores da investigação. Buscam soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado. (Denzin & Lincoln, 2006, p. 23)

Diante desse contexto, não se preconiza a realização de qualquer tentativa de controle e previsão do fenômeno, mas a abertura para a imprevisibilidade dos encontros. A esse respeito, Heidegger (2006) aponta a imprevisibilidade do caminho a ser percorrido, visto que as relações estabelecidas no ramo da investigação “dependem do modo de ser do ente que será tema da pesquisa” (p. 119).

A pergunta norteadora oferece um indicativo da abertura de horizonte, que é (im)preciso — visto que não há destino definido —, porém é necessário devido ao caminho escolhido para o estudo. A experiência do tédio será compreendida/interpretada na fusão de horizontes entre pesquisador e interlocutores. Nessa direção, a compreensão se dará sob o olhar fenomenológico hermenêutico, construído à luz dos pensamentos de Heidegger e Gadamer. Dentro dessa compreensão, Boss (1997, p. 7) mostra que:

Para fazermos qualquer pesquisa científica é preciso, somente, que existamos como abertura na qual uma coisa pode aparecer. Antes do aparecimento de uma coisa, não podemos fazer ciência. Antes de uma coisa aparecer — e nós a entendermos como tal —, é preciso ver que existimos como entendimento.

A possibilidade de coprodução de sentidos é o que caracteriza esse caminhar. Não se trata de uma busca por relações causais ou preventivas, mas de uma abertura ao movimento do velar-se e revelar-se da experiência de uma tonalidade afetiva. Importa ressaltar mais uma característica da pesquisa qualitativa, a de abarcar também “a biografia pessoal do pesquisador, o qual fala a partir de uma determinada perspectiva de classe, de gênero, de raça, de cultura e de comunidade étnica” (Denzin & Lincoln, 2006, p. 32)

Nesse sentido, Palmer (2006) acrescenta que essa ciência da compreensão desvela as estruturas existenciais que envolvem a ação humana, pois, mediante o questionamento, desoculta o que parece familiar e apresenta desdobramentos a essa tradução no encontro de horizontes.

Assim, a hermenêutica busca refletir e compreender a existência, criando uma cultura imersa em diferentes tradições e vivências. Isso diz respeito à forma como se realiza o movimento para se (re)conhecer a partir das experiências no mundo, ou

seja, na medida em que se interpreta algo, relaciona-se esse algo diretamente com a visão de mundo que se tem, advinda das experiências anteriores. Desse modo, a construção de uma pesquisa lançando-se mão da compreensão como modo fundador da existência humana, produz questões críticas sobre o que é compreender, para dar conta da singularidade da vida humana (Sidi & Conte, 2017).

Tal episteme na pesquisa se contrapõe ao modo mensurável e calculável de compreensão da psique. Assim, o olhar fenomenológico hermenêutico pode ser compreendido como “um novo chão”, que aponta a direção do real em uma dinâmica impermanente de encobrimento e desencobrimento, na qual não há separação entre o ser e o ente. E é justamente por isso que a ênfase da investigação se dá na coparticipação e na interpenetração de perspectivas entre pesquisador e colaboradores, realçando, assim, as dimensões plural e singular entre os olhares:

O interrogador faz parte do que ele quer saber e do que ele pode ver. Ele é elemento constitutivo deste olhar em que tudo o que é tem sua chance de aparecer, mesmo que como mera testemunha. [...] Este olhar do interrogador ou interrogado, por sua vez, é jamais um olhar dele mesmo, isolado, mas um olhar plural do qual fazem parte todos aqueles com quem ele mesmo é no-mundo. Mas é também um olhar exclusivo, no qual se expõe toda sua singularidade. Esse olhar do interrogador também deve ser interrogado fenomenologicamente, em busca de seu sentido. (Critelli, 2007, p. 134)

Sobre tal perspectiva, Critelli (2007) observa que “a relatividade diz respeito à provisoriedade das condições em que tudo o que é vem a ser e permanece sendo” (p. 16). Trata-se, portanto, de acompanhar o aparecimento do fenômeno do modo como se mostra em um movimento de encaminhamento da possibilidade para a apreensão de sentidos.

Por isso, é importante reafirmar que a presente pesquisa privilegia a compreensão interpretativa fundada na Hermenêutica Filosófica de Gadamer, vinculada à ontologia do ser de Heidegger (2009). Para esse último, ser é concomitantemente o conceito mais universal e mais obscuro. Isso se dá porque é o ser que está constantemente na lida cotidiana das pessoas com o mundo, mas ele também exige uma complexidade constante de reflexão e discussão. Sendo assim, a dimensão compreensiva revela um sentido construído pela interpretação, substancial na compreensão do compreendido.

Esse movimento de compreensão é guiado pela possibilidade de se interpretar um ponto de vista que seria uma parte do ter prévio que se funda na situação conjuntural já compreendida. Nessa direção, Heidegger (2009) compreende sentido como sendo a “perspectiva na qual se estrutura o projeto, pela posição prévia, visão prévia e concepção prévia. É a partir dela que algo se torna compreensível como algo” (pp. 212-213).

Dessa maneira, a compreensão é o modo de ser do indivíduo e se torna também abertura a possibilidades, pois diz respeito à projeção desse indivíduo no mundo em um movimento constitutivo que acontece no tempo. E é sobre essa situação hermenêutica que se constituem os alicerces deste percurso metodológico, tanto na explicitação inicial quanto nos passos trilhados no desenvolvimento do caminho. Considerando o ponto de vista como fixado e apropriado, Heidegger (2009) elucida:

Chamamos interpretação o desenvolvimento do entender. Na interpretação, o entender, entendendo, apropria-se do seu entendido. Na interpretação, o entender não se torna algo diverso, mas torna-se ele mesmo. A interpretação se funda existencialmente no entender e este não surge dela. A interpretação

não consiste em tomar conhecimento do entendido, mas em elaborar possibilidades projetadas no entender. (p. 421)

Diante desse contexto, a linguagem é a esteira na qual o caminho da compreensão hermenêutica se dará, aqui não considerada apenas um instrumento de comunicação, mas uma forma de expressão da arte da interpretação hermenêutica. Aquela que produz um “diálogo vivo, sustenta-se no diálogo com a tradição, sua historicidade e circularidade” (Sidi & Conte, 2017, p.13).

3.2 Rumo ao Horizonte: A Configuração do Caminhar

Os colaboradores da pesquisa, considerados como interlocutores, foram escolhidos intencionalmente, entre psicólogos que atuam com atendimentos clínicos em Psicologia. Foram entrevistados um homem e quatro mulheres, com idades que variavam entre x e x anos, todos(as) atuantes no nordeste brasileiro (quatro em Pernambuco e uma no Ceará).

Dada a particularidade do cenário vivido no momento da coleta de dados, convém ressaltar que o período da realização das entrevistas se deu no período de isolamento social imposta pela pandemia da covid-19. A situação pandêmica exigiu, em pouco tempo, que fossem realizadas transformações na vida diária de toda a população mundial. Para conter o avanço desse inimigo invisível, colocou os indivíduos sob controle e vigilância, expondo assim a fragilidade humana. Os países foram paulatinamente decretando o isolamento social, o distanciamento físico e, diante da gravidade dos níveis de contaminação, o *lockdown*³.

³ *Lockdown* significa fechamento, confinamento. Diz respeito ao bloqueio total da circulação dos habitantes da região, com exceção apenas dos [prestadores de](#) serviços considerados essenciais.

Diante desse contexto, foi preciso repensar os procedimentos de coleta de dados e, em respeito à saúde coletiva, expresso mediante o cumprimento das medidas impostas, as cinco entrevistas foram realizadas por meio da internet, como forma de garantir a segurança dos colaboradores e das colaboradoras, bem como da pesquisadora.

Para Flick (2013), na modalidade da entrevista *on-line* síncrona, o pesquisador ou a pesquisadora entra em contato com o(a) participante por meio de uma sala virtual, de modo que podem formular perguntas e oferecer respostas enquanto ambos(as) estão simultaneamente *on-line*.

Sobre o uso das ferramentas e plataformas de comunicação *on-line*, Lobe et al. (2020) afirmam que a pandemia da covid-19 ampliou o desenvolvimento das sociedades digitais e isso facilitou a participação em pesquisas que se utilizam dessas para a coleta de dados. Apesar dos desafios, a entrevista *on-line* por videoconferência revelou-se como uma oportunidade valiosa para o enfrentamento do cenário do distanciamento social, possibilitando a manutenção do esforço e o comprometimento com a coleta de dados. Para a execução das entrevistas síncronas na modalidade *on-line*, foi utilizado o aplicativo *Zoom*, por se tratar de plataforma de vídeo reconhecidamente segura em termos de sigilo na rede e com a possibilidade de gravação, quando autorizada pelo colaborador ou pela colaboradora, para posterior transcrição e análise.

O convite para a participação na pesquisa foi feito por telefone, aos psicólogos e às psicólogas cujos contatos já faziam parte da rede de profissionais conhecidos da pesquisadora. Após breve apresentação dos objetivos da pesquisa e da forma de participação e obtido o aceite dos(as) colaboradores(as), foram agendados os dias e os horários para a realização da entrevista, cuidando-se de se certificar que, no dia

aprazado, a agenda dos profissionais favorecesse a disponibilização de um ambiente que lhes proporcionasse sigilo e privacidade em suas residências. No início de cada encontro recapitulou-se o propósito da pesquisa, bem como suas especificidades e a confirmação do desejo voluntário de participar, firmado pela aposição da assinatura no termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

O instrumento utilizado nesta pesquisa é a narrativa, que privilegia o testemunhar da experiência narrada, e não a mera transmissão de informação ou de lembrança de algo que foi vivido. Como define Benjamin (1989), a narrativa é forma de comunicação artesanal na qual uma experiência vivida é transmitida ao outro, não em termos do que seria o “puro em si”, como uma informação ou relatório, mas como um contar-se, que por meio da narrativa possibilita que a história seja construída e reconstruída. Esse modo de implicar-se no relato narrado, em um movimento contínuo de construção e desconstrução de sentidos possíveis do existir, não se finda com o fato ocorrido.

Assim, as experiências dos(as) participantes foram evocadas como “um acontecimento vivido [que] é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (Benjamin, 1989, p. 37).

Compreende-se o narrar como a possibilidade do desvelamento de sentidos, próprio da abertura do ser humano em seu movimento de compreensão de si, e a narrativa, no contexto deste trabalho, como algo que está intimamente imbricado com a noção de experiência (Borges-Duarte, 2020). A esse respeito, Borges-Duarte (2020, p. 95) aponta que a experiência é

O próprio estar a ser de cada um no exercício fático ou realização da sua vida, na qual se torna consciente de si mesma, em 3 movimentos fundamentais: no

seu ser (ou estar a ser) puro e simples, no seu dar-se a si mesma (isto é: no seu ver-se sendo) e, finalmente, no seu pôr-se à prova.

É possível perceber que essa noção implica o caráter de movimento, no sentido de um “formar-se a si mesmo o caminho”, que se revela em meio a um diálogo entre a vida fática e o seu saber sobre ela. Ainda a respeito das narrativas, Schmidt (1997) considera que por meio do relato é possível que o colaborador elabore e transmita da experiência que está sendo evocada, dessa forma, ela adquire o estatuto de registro. À medida que esse relato é realizado há a elaboração do fluxo do vivido, e a narrativa é a forma de expressão afinada com a pluralidade de conteúdos, incorporando as mudanças do conteúdo e as características dessa elaboração.

As experiências foram colhidas por intermédio do depoimento oral dos colaboradores da pesquisa e foram evocadas pelo pesquisador ao fazer a seguinte questão disparadora: como você observou a experiência do tédio na narrativa dos clientes em seus atendimentos? A partir dessa indagação, cada participante pôde apresentar suas experiências de maneira livre, transitando entre suas formas de escuta e abordagens, possibilitando o surgimento de outras perguntas e compreensões ao longo das entrevistas. Os depoimentos, colhidos em ambiente digital, foram gravados, transcritos e literalizados, de modo a tornar o texto mais fluido e acessível à leitura — respeitando-se o texto original.

Além disso, após cada entrevista, nos períodos entre elas e ao longo dos desafios enfrentados na presente pesquisa, construiu-se um diário de bordo como forma de registrar a travessia da pesquisadora no decorrer do percurso. O diário de bordo configura-se como ferramenta que, de acordo com Aun e Morato (2009), não apenas possibilita a restituição da historicidade de uma pesquisa, mas também

permite que o pesquisador ou a pesquisadora narre a biografia de sua experiência em meio ao revelar-se do outro. Para as autoras:

Um diário é narratividade, imprime o modo próprio de se dizer do homem, lançando-se de seu repouso em direção ao sentido de si mesmo, como ação de dizer. Diferentemente da narrativa oral, o diário de bordo imprime marca dos vestígios do vivido pelo escrever. (Aun & Morato, 2009, p. 124)

Ao longo da construção e da elaboração da presente dissertação, a análise foi se desenhando com tonalidades próprias e o tom de cada narrativa se tornou mais vivo a cada passo da caminhada. Por isso, decidiu-se nomear cada participante como uma estação do ano, pois assim era sentido o ritmo de cada psicoterapeuta em sua atuação.

A seguir apresentam-se os(as) participantes:

Primavera: psicóloga de base psicanalítica formada há 25 anos, com experiência em clínica e docência. Iniciou imediatamente os atendimentos *on-line* com a pandemia da covid-19. Sua experiência oscilou entre aqueles que comemoraram por estarem em casa e o pânico da incerteza. A moderação e a tranquilidade da experiência dela, evidenciadas na entrevista, conduziram à escolha dessa estação, cujo florescer é doloroso, mas não deixa de ser belo.

Verão: psicóloga de base psicanalítica formada há 7 anos. com experiência em clínica e docência. Inicialmente fez uma pausa nos atendimentos com a situação pandêmica, imaginando que voltaria em pouco tempo aos atendimentos presenciais, mas, como não foi possível, deu início aos atendimentos *on-line*. De sua narrativa, embora tenha como pano de fundo a gravidade da situação, emerge também a força da incerteza — desvelou-se com um fio de esperança no meio do caos.

Outono: psicóloga de base fenomenológica existencial formada há 2 anos, com experiência em clínica e fiscalização no Conselho Regional de Psicologia. Iniciou os atendimentos *on-line* imediatamente após a publicação o reconhecimento do estado de calamidade pública no país, na modalidade de plantão. Desvelou-se em sua entrevista da mesma maneira como ocorre a metamorfose do outono, quando as folhas caem e não se sabe direito o que vem pela frente. Apresentou narrativas de plantão riquíssimas, que trouxeram a cor do outono.

Inverno 1: psicólogo de base humanista formado há 4 anos, com experiência em clínica. Começou a atender *on-line* a partir do contexto da pandemia e deparou com a experiência do luto de maneira muito forte. Sua narrativa evidenciou a sensação de um tempo que se arrasta e parece passar mais devagar, tal como os invernos, no *setting* clínico.

Inverno 2: psicóloga de base daseinsanalysta formada há 18 anos, com experiência em clínica e docência. Começou a atender *on-line* a partir da pandemia imediatamente. Sentiu-se desconfortável no início, mas a urgência de acompanhamento psicológico foi maior que as próprias sensações. A experiência imediata que sua narrativa revela é o medo. Em sua fala, foi possível sentir os ventos frios do inverno e a solidão muitas vezes gélida do trabalho terapêutico clínico.

Por fim, como método de conhecimento e interpretação dos depoimentos utilizou-se a conversação e a construção das constelações proposta por Szymanski et al. (2019), com base no pensamento gadameriano. Nessa direção,

o resultado de uma conversação é algo novo e revelador, e se trata de um acontecimento que se dá nos interlocutores e que pode ser ou não uma boa experiência, porém é sempre reveladora, tem sua própria verdade e revela-se como uma “experiência de sentido”. (Szymanski et al., 2019, p. 10)

Já a análise da totalidade das narrativas, que reúne a soma das partes foi realizada mediante conjuntos denominados constelações, em analogia às constelações celestes (Szymanski et al., 2019).

Entre leituras e releituras, as partes reúnem-se em conjuntos de afirmações referentes a um mesmo tópico que aglutina as vivências, ou as “situações dadas” (*Gegebenheiten*), dados que “não são dados de experimentação e de medição, mas unidades de sentido” (Gadamer, 1997, p. 124).

A partir da aproximação das narrativas e da pergunta norteadora da pesquisa, foram reunidas duas constelações baseadas nas escutas clínicas de cada colaborador denominadas “tédio como tonalidade afetiva” e “predominância de outras tonalidades”.

A Tabela 1, a seguir, aponta o caminho da compreensão prévia que originou essas constelações:

Tabela 1

Nome da Tabela

ESTAÇÕES	NARRATIVAS	UNIDADES DE SENTIDO	CONSTELAÇÕES
PRIMAVERA	Essa coisa do todo dia a mesma coisa, de sentir que não estava produtivo, mesmo que estivesse trabalhando. Uma coisa que lembrei agora, principalmente	Desmotivação como fator de desenvolvimento do tédio. Desmotivação.	Tédio como tonalidade afetiva principal.

	aqueles que não estavam trabalhando, né? Nesses eu achei que ficou mais significativo.		
VERÃO	Então chegou um momento em que já não supria mais o desejo de querer preencher esse vazio, entende? E aí vinha com muita força, né? Muito fortemente esse sentimento de tédio, de não ter o que fazer, de não saber administrar o sentimento do tédio, certo?	Vazio como face da rotina entediante. Desmotivação.	Tédio como tonalidade afetiva principal.
OUTONO	Mas com uma queixa de ansiedade, a grande maioria era sintomas, né? Alguns sintomas que elas passavam a ter e que dizia que era ansiedade, né? Então aquela... aqueles... sintomas que a maioria	Enfado como produtor de sintomas. Medo.	Predominância de outra tonalidade.

	<p>acaba conhecendo, então taquicardia, e sudorese, e um desconforto mesmo no corpo e tudo mais, um pouco de medo.</p>		
INVERNO 1	<p>As pessoas, elas não têm se dado a oportunidade de fazer a experiência do sofrimento, até o limite do que ela lhe solicita, sabe? E aí . . . toda uma compulsão, né? Toda uma prescrição sedimentada que convoca, né? À existência, a um caminho que tem um horizonte da superação, né? Então esse espaço entre o sofrimento e uma possibilidade mais própria de corresponder à perda, né?</p>	<p>Perda como enquanto predominância.</p> <p>Perda.</p>	<p>Predominância de outra tonalidade.</p>

<p>INVERNO 2</p>	<p>Percebo muito mais um medo, né? Eu percebo muito mais o desespero, propriamente dito, do que o próprio tédio, sabe? Eu acho que o tédio ele ficou talvez camuflado nos discursos do cansaço, dos discursos do... eu não vejo graça para nada, porque eu não posso sair, eu não posso me divertir, eu não posso ver meu companheiro, minha companheira, eu não posso ver meus avós, eu não posso ver, né? Então ficou muito em um discurso mesmo da lamentação, né?</p>	<p>Desespero como protagonista. Medo.</p>	<p>Predominância de outra tonalidade.</p>
-------------------------	---	--	---

A fim de tornar a correspondência entre as forças da natureza representadas na expressão de cada colaborador e considerando-se a proximidade das unidades de sentido, estabeleceram-se dois tipos de inverno correspondentes ao número 1 e ao 2. Desse modo, foi possível aproveitar ao máximo a riqueza contida em cada narrativa.

A escolha das constelações e das estações do ano no sentido original resultou em uma metáfora deveras curiosa: quanto mais sombria a estação, mais nebulosa e distante pareceu a experiência do tédio nos atendimentos feitos durante a pandemia. Nesse sentido, pode-se afirmar que, no firmamento da presente pesquisa qualitativa, o “céu” estação promove uma maior nitidez da tonalidade afetiva estudada.

Por meio dessa metáfora, que reúne a temporalidade como correspondência, constitui-se a presente pesquisa. E é durante a travessia desta investigação que se caminha na direção da produção de sentidos, levada pelas narrativas, que introduzem esta pesquisadora no jogo dialógico de modo que esteja sempre interrogando.

Inspirada pela compreensão gadameriana desse real que seria o germinar da verdade, busca-se, nas próximas páginas, compreender a experiência do tédio no contexto da clínica psicológica. Nelas será possível vislumbrar a surpreendente correspondência entre a dor do ser e a manifestação da natureza expressa na historicidade. Como bem coloca Guimarães Rosa (2010, p. 203): “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

4 O Despertar da Experiência do Tédio na Escuta Clínica: Narrativas do *Setting* Terapêutico

Epígrafe?

Na presente análise, adota-se o formato do texto narrativo, desenvolvido na forma corrida e sem separações de seções. Como modo de compartilhar as dimensões do fenômeno que adquirem realce ao longo da narrativa, acrescentam-se cores de letras diferentes nas transcrições, a fim de destacar as narrativas de cada participante. Mediante essa correspondência, apresentada em ordem crescente — constelações/estações/cores —, busca-se explicitar as perspectivas que se dão ao longo do caminho, em meio à situação hermenêutica experienciada pela pesquisadora na análise dos dados.

A princípio, evidenciaram-se no entrelaçamento das estações em cada constelação as palavras “desmotivação”, “vazio”, “enfado” e “desespero”, a ditar os tons do firmamento da pesquisa nas narrativas, respectivamente, de Primavera, Verão, Outono e Inverno. Correspondem também à forma como foi desenhada a análise em cada narrativa na busca pelo sentido dos encontros no *setting* nesse momento histórico, visto que a coleta foi realizada no período pandêmico.

Partindo dessas unidades de sentido, o início da análise das narrativas evoca a concepção heideggeriana sobre o despertar de uma tonalidade afetiva. Considerando-se essa perspectiva, não se compreende despertar como trazer a racionalidade de pensamento ou colocá-la como objeto de saber da consciência. Portanto, não se busca a sua constatação de modo meramente descritivo, visto que essa constatação seria um desvelar que se apresenta enquanto fenômeno consciente pela via da racionalização da experiência. Busca-se, ao invés, a dinâmica fenomênica fundada na coexistência (singularidade e pluralidade) em seus modos de ser-no-mundo.

Diante de tal amplitude percebi que a busca por uma definição que contemplasse a pluralidade de possibilidades compreensivas era ilusória. A

experiência não é linear e ao ser comunicada desvela uma faceta do sentido, aqui compreendido não como sinônimo de significado, mas como uma solicitação que se faz ouvir e que abre possibilidades de realização do real. No entanto, cada experiência narrada desvelou uma singularidade que atravessou a compreensão do exercício do cuidado [profissional]. Assim, buscarei apreender a multiplicidade de sentido expressa por cada psicólogo (singular) que desvela o modo como cada um compreende a sua experiência. (Cimino & Barreto, 2013, p. 452)

Diante de tal contexto, recorre-se ao que Heidegger aponta a esse respeito: “A tonalidade afetiva não é um ente, que advém da alma como uma vivência, mas o como de nosso ser-aí-comum” (Heidegger, 2003, p. 80). Ainda nas palavras desse autor:

As tonalidades afetivas não são manifestações paralelas, mas justamente o que determina desde o princípio a convivência. Tudo se dá como se uma tonalidade afetiva sempre estivesse aí, como uma atmosfera, na qual sempre e a cada vez imergimos e desde a qual, então, seríamos transpassados por uma afinação. Tudo se dá apenas aparentemente como se fosse assim, mas é realmente assim; e em função deste fato vale colocar de lado a psicologia dos sentimentos, das vivências e da consciência. É válido ver e dizer o que acontece aí. (Heidegger, 2003, p. 81)

Nesse sentido, uma tonalidade afetiva mostra o modo como as pessoas se encontram no mundo, a cada situação, em cada instante. Aponta como as coisas se mostram e como o sentir acontece. Tal visão traz à tona uma indagação importante na presente análise: se esse modo não é decorrente do pensar do profissional, como

se pode apreender o fenômeno na compreensão do horizonte hermenêutico correspondente ao *setting*? Ainda a esse respeito, Heidegger indica que

Uma tonalidade afetiva é um jeito, não apenas uma forma ou um padrão modal, mas jeito no sentido de uma melodia, que não paira sobre a assim chamada presença subsistente própria do homem, mas que fornece para este ser o tom, ou seja, que afina e determina o modo e o como de seu ser. (2003, p. 81)

Ou seja, o horizonte compreensivo desvela essa tonalidade de modo que pareça que de fato ela não está ali presente, mas que se afina com os entes em geral na sua totalidade. Assim, nenhuma tonalidade está afinando o ser aí de maneira evidente, todavia o seu acontecimento fica restrito às situações limites nas quais a pessoa está de algum modo exposta.

Diante desse contexto, a trama na qual a experiência narrada foi construída precisa ser considerada ao longo das possibilidades compreensivas que foram emergindo, uma vez que a situação pandêmica pode ser vista como uma situação limite na qual o ser-aí se encontra em uma situação de exposição. Por isso, seria possível buscar na narrativa dos(as) colaboradores(as) os rompantes que ilustrassem tais situações, no entanto, é no rompante em que se dissipa essa tonalidade que se encontram as perspectivas das estações.

No âmbito do que se pretendia saber — o tédio —, três colaboradores(as), Inverno 1, Inverno 2 e Outono), apesar de apresentarem a tonalidade como horizonte em suas experiências, revelaram a ausência do tédio como predominante. Os(as) demais colaboradores(as), Verão e Primavera, por sua vez, apresentaram nas suas experiências o tédio enquanto tonalidade. Na metáfora das estações escolhida para nomear os(as) colaboradores(as) da pesquisa, a tonalidade afetiva se apresentou diretamente nas estações que representam o firmamento mais aberto. As narrativas,

portanto, corroboram a concepção heideggeriana da existência e seus tons variam diante da abertura/disposição do ser-aí na facticidade do mundo.

Considerando-se que é na ausência aparente que a presença se torna mais avassaladora, é possível visualizar nos tons do cotidiano a tonalidade disfarçada nas pessoas. Sobre isso, Heidegger (2003) explica:

Exatamente as tonalidades afetivas para as quais não atentamos de maneira alguma e que observamos ainda menos, as tonalidades afetivas que nos afinam de um tal modo que tudo se dá para nós como se nenhuma tonalidade afetiva estivesse aí, como se nós não estivéssemos absolutamente afinados: exatamente estas tonalidades afetivas são as mais poderosas. (p. 81)

Logo, sem as tonalidades afetivas a experiência de mundo não seria possível, de acordo com a proposta heideggeriana. Por isso, para marcar essa ausência na compreensão da hermenêutica das constelações aqui apresentadas, observou-se o tom de maneira decrescente na mostraçãõ do mundo. O processo da situação-limite (pandemia) é marcado mais fortemente nas constelações correspondentes ao Inverno 1, Inverno 2 e Outono. Já na constelação configurada pelo verão e a primavera a experiência do tédio se revela muito mais com essa presença-ausente trazida por Heidegger. Na tentativa de evidenciar as diversas aparências manifestadas nos diferentes tons, apresentam-se a seguir as narrativas e as possibilidades compreensivas que emergiram na construção dessa teia de sentido, seguindo a mesma ordem decrescente do desvelamento da situação limite — pandemia — construída na conversação.

Na experiência narrada sobre a situação enfrentada, **Inverno 1** indica que sua escuta clínica na pandemia foi atravessada pelo sentimento de perda predominante.

Para ele, o mundo se pronuncia na sua mostração imediata sintonizado por esse sentido. Sobre isso, ele descreve:

Isso, a gente começa, assim, porque o sofrimento na verdade ela é uma hermenêutica de uma determinada, nessa questão que a gente está falando é uma hermenêutica da perda, né? E aí quando o sofrimento, ele está relacionado com uma temporalidade, né? Com na verdade um modo específico de temporalizar o tempo, né? (Inverno 1)

Assim, sua narrativa indica um olhar atravessado pela quebra de ritmo existencial provocada pelo momento da pandemia. Além disso, a perda que **Inverno 1** descreve se mostra por meio de uma relação com a temporalidade que aproxima esta pesquisadora da compreensão heideggeriana do ser entediado por algo.

Nós nos entediamos porque algo nos obriga a interromper o ritmo do tempo cotidiano. Ele tem em vista neste caso a situação específica de uma longa espera não programada. Dizemos, então, que a longa espera é o que nos deixa entediados. Aqui, o tédio chega de fora para nós e dizemos, por isto, que somos entediados por algo. (Feijoo, 2011, p. 50)

Esse tipo de tédio parece estar ligado à quebra de um determinado ritmo existencial caracterizada aqui pela perda da rotina, da liberdade de circulação, de vidas e por todas as mudanças exigidas no período pandêmico. Logo, ela tem uma relação direta com a incapacidade de se prosseguir com a dinâmica dos afazeres cotidianos. Essa interrupção do movimento automático de preenchimento dos momentos com ações é pensada como completamente externa à existência, como traços subsistentes de certas coisas (Casanova, 2021). Sobre isso, **Inverno 1** acrescenta:

As experiências de sofrimento de um modo geral, nesse horizonte histórico que é o nosso, já têm um modo prescritivo de experiência do sofrimento, tanto no que diz respeito ao modo como incorporamos especificamente, como especializamos a experiência e como temporalizamos, e aí é justamente essa que é a tua questão, né?

(Inverno 1)

Assim, é possível perceber que esse sofrimento narrado por ele se apresentou como um processo de temporização do ser-aí. O tédio, portanto, é materializado pelo sofrimento, caracterizado pelo “curso hesitante do tempo” (Borges, 2020, p. 224). Essa experiência é evidenciada pela situação pandêmica, à medida que sua narrativa revela a predominância de um tempo que hesita diante dessa retenção do ser-aí provocada por essa situação limite. Sobre isso, o colaborador acrescenta:

*É, assim, quando... quando as perdas elas irrompem na existência, imediatamente você começa a se relacionar com o novo, né? E o novo, ele vem atravessado, né? De uma espacialização específica, de uma temporalização específica, né? De uma corporação específica, também, e aí no que diz respeito à questão da temporalização, daí aí indo de encontro à tua questão, né? **(Inverno 1)***

Diante desse contexto, é possível perceber que o fato de a experiência do tédio aparecer como se não estivesse presente no horizonte existencial, de forma nebulosa, ainda assim atravessava sua afinação para o mundo, “como se nenhuma tonalidade afetiva estivesse aí” (Heidegger, 2003, p. 81). O poder da manifestação das tonalidades afetivas então, tal como já citado anteriormente por Heidegger, presentifica a presença-ausência elucidada na fala do colaborador em questão. A distração dos tons no cotidiano traz consigo a potência do modo e do como cada ser se afina com o mundo. Introduzir a citação, que só tem 32 palavras, por isso deve

ficar dentro do texto: “*Eu percebi durante os atendimentos que as pessoas, elas iam percebendo, elas iam temporalizando o tempo numa perspectiva existencial, sabe? Como se elas, mas elas não se apercebem disso, né?*” (**Inverno 1**).

Essa fala reafirma a concepção heideggeriana de que cotidianamente nenhuma tonalidade está evidentemente afinando o ser-aí. Isso poderia levar ao entendimento mediano de que seu acontecimento ficaria restrito a situações-limite em meio às quais o ser-aí se encontraria porventura exposto e que, passada a exposição, se voltaria a uma suposta neutralidade cotidiana na qual não se apresentaria afinação nenhuma.

Além disso, **Inverno 1** mostra que não há sentido nesse pensamento, visto que a pandemia, com seu caráter de situação-limite, não apresentou em sua experiência o tom evidente. Quando se refere ao curso da situação pandêmica, ele afirma que à medida que esse novo momento ia se acomodando na compreensão existencial de cada um, as tonalidades afetivas eram vislumbradas no *setting*.

Mas o tempo, ele sofre uma desarticulação das suas noções sedimentadas, cronológicas, sabe? O tempo ele está muito relacionado ao tempo da experiência, mas é justamente isso, por incrível que pareça que impedia, sabe? Que angústia, na verdade, e eu não sei, mas talvez o tédio aí esteja muito aproximado da questão da angústia, porque enquanto o tempo não passa eu me angustio, né? Quando a gente perde, a gente experiencia uma eternidade, né? Uma eternidade não cronologicamente dada. (Inverno 1)

Continuando na tentativa de desvelar as tonalidades afetivas no firmamento de **Inverno 1**, evidencia-se que sua narrativa remete para a angústia como o tom vislumbrado pelos seus olhos de psicoterapeuta humanista. Seu olhar contempla o

tempo vivenciado na prática compreendido enquanto eternidade, denominado por ele de eternidade existencial, remetendo-se àquele enfado do tempo que lança a subterfúgios. Aqui, ainda que de maneira muito sutil, a experiência do tédio se apresentou na narrativa do colaborador.

*Uma eternidade, uma eternidade existencial, sabe? E aí o que acontece? Como nós estamos inseridos no horizonte histórico que é composto de unidades de significação sedimentadas, né? E uma delas é o tempo, não se dá a oportunidade de experimentar o tempo tal como ele se apresenta, né? Que é justamente esse tempo da eternidade, né? A gente tem... aí a gente vai desarticulando, né? A experiência em si ela vai desarticulando a noção de tempo, a noção de espaço, né? A distância ela vira uma proximidade, a proximidade ela se inscreve na distância, então o tempo, né? Ele vai... ele vai se desarticulando, então essa tensão entre um tempo sedimentado, o tempo cronológico e o tempo existencial, ele vai aparecendo, né? Como se eu não... como se os pacientes eles não estivessem ainda preparados para corresponder a um tempo, né? Que ele só precisa ser experienciado como tal, e não como amplitude, não como linearização, sabe? É como se fosse assim, quando é que eu vou superar isso, e o... então esse espaço entre o sofrimento e a superação do sofrimento é esse espaço do tédio, sabe? **(Inverno 1)***

Tais pontuações feitas por **Inverno 1** indicam que, para que se possa vivenciar a experiência do tédio, é preciso antes de tudo que algo determinado aconteça e perturbe abruptamente a dinâmica dos empreendimentos rotineiros cotidianamente. Portanto, a experiência do tédio se mostra de forma mais clara quando algo se

interpõe na existência das pessoas e as obriga a abandonar temporariamente o movimento incessante de uma situação para a próxima. Assim,

o ser-aí se vê marcado por uma tranquilidade vazia, exatamente na medida em que a presença de uma coisa ou de um estado de coisas entediante interrompe o prosseguimento automático do preenchimento de momentos com ações. O vazio aqui não diz respeito ao ser-aí, mas à paisagem insípida da localidade na qual se encontra. (Casanova, 2021, pp. 64-65)

A “paisagem insípida” mencionada pelo autor pode ser compreendida nesta análise por meio do horizonte histórico da pandemia e de todas as repercussões vivenciadas pelos(as) colaboradores(as) da pesquisa e por seus(uas) clientes/pacientes que repercutiram diretamente no *setting* terapêutico. Assim, é possível perceber que o que abre a possibilidade da experiência do tédio não está determinado por um ente ou um contexto específico, mas pela disposição afetiva que inexoravelmente se afina com a mostraçãõ do mundo.

Por fim, sobre o fazer clínico, **Inverno 1** reflete:

Então eu acho que o tédio, na minha prática, tem aparecido nesse sentido, é a possibilidade do sofrimento e é a possibilidade do não sofrimento, é esse espaço, né? Que vai atravessando a existência, né? Que atravessa a existência, né? E que precisaria, né? E aí é nossa tarefa como psicólogo possibilitar que a pessoa cuide da sua tarefa de ser e de ser esse tempo, né? De ser esse tempo que está aí nesse espaço entre o poder sofrer e o poder não sofrer, né? Levando em consideração que o sofrimento é uma possibilidade, não uma determinação, né? E aí eu acho que está relacionado a isso, a esse espaço, né? Entre esse... o sofrimento e essa necessidade de uma superação. (Inverno 1)

A esse respeito, cabe uma consideração relevante que Feijoo e Costa (2020) propõem, uma vez que o espaço do *setting* terapêutico e o espaço contemporâneo estão, por muitas vezes, a serviço da técnica e da patologização da existência. Assim,

Esse homem, totalmente desenraizado de sua existência em seu ritmo mais próprio, torna-se um autômato, transtorna-se, esquece-se de suas possibilidades. Assim sendo, ou busca a distração como modo de não se a ver com o tédio, ou entra na cadência do mundo sem se aperceber do tédio que o abarca, ou paralisa ou ainda desiste, ao modo de total supressão do tempo. Todo esse modo de lida com o tempo, marca do tédio, é compreendido no contemporâneo como doença. No entanto, o homem em seu caráter de abertura ainda pode ver, ouvir e sentir a chamada de seu poder ser. Portanto, ele pode afastar-se de si mesmo, mas não abandona a si mesmo, nisso ele guarda a possibilidade da recordação, por isso grita tomado pela angústia ou pelo tédio para retomar a si próprio em sua cadência, ritmo. (Feijoo & Costa, 2020, p. 325)

Diante desse contexto, a experiência narrada por **Inverno 1** aponta a necessidade de se repensar o tédio para além da ótica das categorias pré-definidas e patologizantes a serem combatidas e medicadas. Não seria essa uma herança do processo vivido pela Psicologia na tentativa de corresponder às exigências da ciência para ser considerada como tal? Importa ressaltar que “a posição que defendemos é aquela que posiciona a clínica como um espaço que sustenta a experiência do pensamento” (Feijoo & Costa, 2020, p. 327).

Experienciando ainda os tons do inverno, parte-se para a compreensão da narrativa da segunda colaboradora, nomeada **Inverno 2**. Sua experiência, ainda na sensação mais fria das estações, já traz vislumbres de novas tonalidades para a

compreensão da experiência do tédio no *setting* clínico. E assim inicia suas elucidações:

Aprofundar as questões relativas à clínica e trazendo um olhar realmente diferenciado que é da ontologia . . . , principalmente com uma tonalidade afetiva tão significativa, né? Como o tédio, e é bem interessante a sua questão de pesquisa, porque se eu for levar, né? A pergunta ao pé da letra, se eu percebi algo que fosse indício do tédio dentro da narrativa dos clientes, né? Eu diria que não especificamente como o tédio, mas o que foi trazido era muito pertinente ao momento de... de estranheza, né? Porque acho que foi muito mais uma percepção de estranheza de um momento onde ninguém pensava que iria de uma hora para outra se confinar, né? (Inverno 2)

Importa ressaltar que a colaboradora **Inverno 2** parte de uma perspectiva daseinsanalítica, portanto sua fala é atravessada pelo referencial teórico utilizado ao longo do texto. No entanto, ainda assim, a presença-ausência do objeto de estudo da presente dissertação pôde ser visualizada na sua fala. Sua afinação enquanto abertura, nesse momento, apresentou-se sobretudo pelo medo identificado nas narrativas do *setting* clínico. Além disso, a experiência do tédio narrada é marcada pela tematização dessa tonalidade por meio da nuance do “ser entediado por”. Mas antes de chegar a essa percepção, **Inverno 2** salienta:

Bem . . . o . . . estava ali o tempo todo, porque a realidade, a concretização de algo com a não concretização, por exemplo, dos rituais de poder participar do enterro de um pai, de uma mãe, de um filho, né? E isso levou para uma esfera muito mais próxima do caos, sabe? (Inverno 2)

Nessa direção, **Inverno 2** aborda inicialmente uma perspectiva que se aproxima da encontrada na narrativa de **Inverno 1**, uma vez que ambos experienciam as perdas nas narrativas dos clientes. No entanto, de uma maneira muito centrada na pergunta norteadora, a segunda colaboradora da pesquisa também presentifica na sua narrativa o medo e o desespero como protagonistas do momento vivido no *setting* clínico, sem deixar que a tonalidade afetiva do tédio fuja da sua compreensão. Isso se evidencia na elucidação a seguir:

Acho que o tédio ele veio como algo que já é uma coisa recorrente da clínica, que é o cansaço pela repetição, né? O cansaço por não ver muitas possibilidades, né? Principalmente isso no começo, né? Dos atendimentos. A pandemia fazendo parte de um cenário inusitado onde ninguém estava nem por perto esperando algo do tipo, né? Que levasse a esse confinamento e levasse a se deparar com uma realidade que ninguém havia antes se deparado, então é isso, sabe? Eu percebo muito mais um caos, né? Percebo muito mais um medo, né? Eu percebo muito mais o desespero, propriamente dito, do que o próprio tédio, sabe?

(Inverno 2)

Vê-se que **Inverno 2** compreende o que se apresenta enquanto tonalidade afetiva como algo que já faz parte da existência e, conseqüentemente, da narrativa independentemente do contexto atualizado. É possível ratificar duas dimensões da compreensão desenvolvida sobre as tonalidades afetivas em Heidegger: a potencialização na ausência e a disposição enquanto abertura independentemente do contexto.

Seguindo a trama compreensiva dos tons de **Inverno 2**, sua narrativa se aproxima em outros momentos da concepção de tédio atravessada pelo “ser entediado por”:

Eu acho que o tédio ele ficou talvez camuflado nos discursos do cansaço, dos discursos do... eu não vejo graça para nada, porque eu não posso sair, eu não posso me divertir, eu não posso ver meu companheiro, minha companheira, eu não posso ver meus avós, eu não posso ver, né? Então ficou muito em um discurso mesmo da lamentação, né? (Inverno 2)

E para se debruçar sobre a perspectiva do tempo hesitante, **Inverno 2** apresenta a concepção tal qual Heidegger a transmite, como aproximação do tédio e não como observação direta na narrativa. A experiência do tédio se apresentou nesse fazer clínico mediante a situação trazida pela pandemia.

Nessa direção, é possível perceber uma aproximação do que a teoria heideggeriana concebe como o centro das experiências à luz dos acontecimentos, sem uma concepção teórica forçosa. Isso é ressaltado por **Inverno 2** quando ela se refere à temporalidade:

A questão do quanto tempo mais isso, né? Eu acho que isso veio muito mais à tona, assim, por quanto tempo o desespero ele era muito evidente, assim, no discurso, assim, quanto mais o tempo vou passar dessa forma, o que eu faço se acontecer, se meu pai morrer, se minha mãe morrer, o que eu faço se as pessoas que eu sou muito próxima, eu não conseguir ver mais, né? Então assim, tinha uma tônica de desespero nos discursos, tinha uma tônica de completa desolação, sabe? Que não... que a meu ver, na minha percepção não era nada indicativo do tédio a não ser a questão mesmo do cansaço, da... o que é que eu vou fazer, estou cansado de fazer

a mesma coisa, era muito mais próximo de uma ideia de repetição de rotina, de mesmice, do que do tédio propriamente dito. (Inverno 2)

Esse cenário aponta para uma concepção de **Inverno 2** segundo a qual o tédio não apareceria como uma afinação direta, e as possíveis perdas e incertezas levariam ao desespero muito mais do que a experiência do tédio propriamente dita. Tal narrativa se alinha com a que se refere à visão do tempo que se alonga e do qual se busca fugir. O questionamento feito por **Inverno 2** no final do trecho em análise sobre as repetições cotidianas aponta para a tentativa imediata de sufocar esse tédio, indicando ainda que o incômodo da experiência do tempo longo vivido pela situação pandêmica apresentou indícios da busca “por matar o tempo” que se alonga. Tal discurso pode ser compreendido a partir das contribuições de Cruz e Silva (2023), à medida que indicam

a impressão de se perder um tempo importante, ou seja, um tempo que poderia ser mais bem aproveitado do que este que se vive no *ainda não* do interregno temporal. O tempo aqui pode ser observado segundo um leve aceno utilitário. Estar lançado na improdutividade de um tempo que hesita em passar é estar entregue à condição mesma de ser-aí. Condição essa que se busca imediatamente afastar pelas tentativas de se retirar do estar presente a essa condição por meio dos passatempos. (p. 16)

Aproxima-se assim da concepção de passatempo apresentada na primeira forma de tédio da concepção heideggeriana. Aqui cabe o resgate do termo alemão em Heidegger. Passatempo se diz *Zeitvertreib* e é palavra composta pelo verbo *vertreiben*, que significa fundamentalmente “retirar”, “expulsar”, com o termo *Zeit*, “tempo” (Costa, 2021). Logo, o passatempo é ferramenta de estímulo prazeroso do tempo que se anuncia no incômodo do prolongamento. Ele é utilizado para desviar o

olhar do tédio, que se anuncia de forma tão inóspita que inviabiliza de imediato a sua simples permissão para se aproximar. Esse alongamento do tempo se apresenta na reflexão a seguir:

Sabe, acho que o tédio ficou meio camuflado na narrativa do cansaço, do... mas mesmo assim vinha logo em seguida, vem, né? Logo em seguida, que até hoje eu estou atendendo nesse formato, né? Acho que veio logo em seguida a coisa do e agora, o que vai ser amanhã, o que vai ser amanhã, sabe? Então é muito mais essa estranheza do que o tédio propriamente dito. (Inverno 2)

O horizonte de compreensão de **Inverno 2** acrescenta ao desespero e ao medo o processo de estranhamento experimentado pelos(as) clientes e narrado no *setting* diante da situação de pandemia. Sua prática enriqueceu a reflexão deste trabalho a respeito do tédio, oferecendo para o fazer *psi* outros tons ao se olhar para o tema em questão.

Nessa direção, à medida que se avança, outra possibilidade compreensiva é apontada com a mudança da estação. Assim, a delicadeza sutil de **Outono** revela em detalhes o próprio atravessamento da sua experiência como psicoterapeuta no anúncio da pandemia. Em suas palavras:

Então naquele momento eu ainda não tinha atendimento, não estava atendendo presencialmente, então foi realmente algo que para mim, assim, foi uma porta de atividade ali, de atendimento que se abriu da noite para o dia, né? Quando eu vi que ia fechar tudo, um pouco aquela, aquele contexto completamente novo e diferente, eu imaginei que aquilo pudesse gerar algum tipo de sofrimento para as pessoas, né? Então eu me dispus a fazer essa escuta no formato de plantão

psicológico. E aí foram, né? Foram muitas pessoas, eu fiquei atendendo nesse formato de plantão por uns seis meses, né?(Outono)

Essa abertura para experimentar o *setting* na situação de pandemia, dada a modalidade de prática psicológica exercida por **Outono** — Plantão Psicológico⁴ ao invés do atendimento sistemático tradicional tal como o realizado pelos demais entrevistados —, desvelou uma narrativa atravessada por outras nuances na pesquisa. A respeito da característica de seus atendimentos ela diz:

E aí muita gente vinha, Tati, mas com uma queixa de ansiedade, a grande maioria era sintomas, né? Alguns sintomas que elas passavam a ter e que dizia que era ansiedade, né? Então aquela... aqueles... sintomas que a maioria acaba conhecendo, então taquicardia, e sudorese, e um desconforto mesmo no corpo e tudo mais, um pouco de medo. Então eu fui trabalhando um pouco esses mais pontualmente esses sintomas, e a relação que aquelas pessoas estavam tendo com o tempo, né? Com essa rotina que eles... que passavam a ter, né?(Outono)

Portanto, de imediato a relação com o tempo se apresenta como horizonte da compreensão sobre o sentido da escuta terapêutica no *setting* clínico em meio à pandemia. A concepção de Heidegger no que tange à percepção dessa temporalidade se aproxima da reflexão ao indicar que “experimentamos o tempo no comportamento prático” (Corti, 2006, p. 114 como citado em Cruz, 2019, p. 155).

Além disso, outra questão importante a ser destacada na experiência de **Outono** é a presença de sintomas experimentados na corporeidade dos(as) clientes assistidos(as). Considerando-se que sua prática é norteada pela perspectiva fenomenológica, o cuidado junto ao(à) cliente é pautado pela retomada de sentido do

⁴ Mahfoud (1987) define “plantão” como um serviço que se mantém à disposição de quaisquer pessoas que dele necessitem, em períodos de tempo previamente determinados e ininterruptos.

Dasein e suas relações com o mundo, não se configurando como uma busca pelo combate aos sintomas propriamente dito. Isso se dá porque é na articulação de sentidos e na familiaridade do mundo que se pode se comportar.

Nessa compreensão, a familiaridade e a estranheza estão sempre presentes na existência. Logo, considerando-se a situação pandêmica, foi possível observar que em um determinado momento a familiaridade se perde e a estranheza se manifesta. Segundo Binswanger (1977), a clínica aconteceria a partir de uma tentativa de recomposição da familiaridade dos sentidos sedimentados. O autor acrescenta ainda que a loucura é justamente a perda da familiaridade, dos sentidos sedimentados, ou seja, para ele, é nisso que o impróprio se apresenta. Esses aspectos foram evidenciados na narrativa de **Outono**:

Agora, a grande maioria das pessoas, assim, sei lá, 90% das pessoas que eu atendia eram jovens, né? Jovens universitários, adolescentes, que tinham uma rotina intensa fora de casa, que ficar dentro de casa então causava acho que esse sentimento muito mais de querer sair correndo de casa, né? E de agonia em ter que ficar preso, né? Então isso eu diria que a grande maioria das pessoas. E aí assim, o que apareceu depois, né? Então algumas pessoas que eu atendi no começo e que eu voltei a atender posteriormente, né?(Outono)

Ao narrar sobre sua prática, **Outono** a divide em momentos específicos, abordando em primeiro lugar a estranheza que denomina como tal em função dos sintomas e do medo composto nas narrativas do *setting* e, posteriormente, após essa recomposição de sentidos, aponta o tédio em sua escuta. Assim, embora o tédio enquanto ausência se manifestasse novamente entre as entrevistas, foi possível perceber nessa narrativa outra manifestação do tédio descrita por Heidegger: o entediarse junto a.

No entediar-se-por... uma situação específica retira o ser-aí de seu dinamismo e alonga o seu tempo pelo esvaziamento do seu espaço. Mas como isso se mostra agora? Há na segunda forma do tédio uma indeterminação quanto ao que é entediante e uma desconfiança acerca se seu acontecimento realmente se dá ou não, pois não há a experiência de ralentamento temporal. No segundo modo do tédio simplesmente não há situação entediante. Não no sentido de que na segunda forma de tédio simplesmente não aconteça uma situação de tédio considerável, mas que entediar-se-junto-a... remete a um “não sei o quê”. O que é entediante é algo indeterminado. (Feijoo & Costa, 2020, p. 321)

É válido acrescentar que mesmo diferenciando três formas de tédio, Heidegger não quer com isso estabelecer a existência de três acontecimentos distintos, pelo contrário, quer revelar como esses três eventos concernem a um único fenômeno que afina o ser-aí contemporâneo de maneira geral. Enquanto no primeiro tédio o entediante se faz presente a partir de uma situação específica, como se pudesse ser dito que ele se impõe ao ser-aí de “fora”, o que acontece na segunda forma do tédio é diferente da primeira. No entediar-se-por... uma situação específica retira o ser-aí de seu dinamismo e alonga o seu tempo pelo esvaziamento do seu espaço (Feijoo & Costa, 2020). Em sua narrativa, **Outono** apresenta dois exemplos que ilustram essa questão:

Há sei lá, nove, dez meses depois que já tinha iniciado a pandemia, aí apareceu um pouco essa questão do tédio, então eu atendi uma moça, né? Mãe de duas crianças que estava em casa direto e que estava... não aguentava mais ficar dentro de casa, né? Então esse sentimento de todo dia mesma coisa e nada que dá prazer e até um pouco o desconforto com a maternidade, mas que aparecia bem essa questão de não estar fazendo aquilo que ela queria estar fazendo, que era trabalhando fora,

trabalhava com eventos, então foi uma área bastante afetada, né? Então eu lembro dessa . . . e lembro de uma senhora também, uma idosa, que também em um primeiro momento, né? Ela eu fiquei por alguns meses, então em um primeiro momento quando a filha dela fez contato comigo tinha essa questão da ansiedade, né? E que aí depois com o passar dos meses aí ela falava mesmo desse... desse sentimento de... de não ter mesmo . . . de não sentir motivada, e aí eu até . . . você gosta de fazer palavras cruzadas, uma coisa ou outra, aí ela já vinha mais, eu gosto, mas, né? Ou fiz isso uma vez na semana, mas aí já não aguenta, e não aguenta e não pode sair, nem para dar uma volta no prédio, então não podia naquele momento mesmo, os idosos estavam bastante vulneráveis, né? Ao adoecimento, então tinha mesmo um cuidado super bastante grande da filha dela de que ela não saísse, então a outra filha levava as coisas para casa, nem encontrava, nada. Essa senhora também manifestou esse sentimento, né? De se sentir mesmo vazia, sem ter o que fazer, aí só queria às vezes ficar deitada, e dormindo. (Outono)

Por intermédio da narrativa é possível observar as duas formas de tédio. As narrativas apontam para o esvaziamento do espaço que indetermina o que é de fato entediante. Por exemplo, a mãe que tem muitos afazeres, a senhora que tem muitos passatempos, mas nada preenche esse vazio. Nessa forma de tédio não há uma imposição “de fora” que força o ser-aí a deparar com uma situação específica entediante e que o retira à força do seu ritmo, no entanto, nesse segundo momento, o tédio já afina de forma tão íntima o ser-aí que ele mesmo se avalia desinteressante, vazio, e em função disso se dá tempo para se anestésiar. Isso se dá de modo que ao invés de uma situação qualquer entediar, o que entedia agora é o próprio ser-aí enquanto tal, o que insere o passatempo como que de forma natural para afugentar o desinteresse de si (Feijoo & Costa, 2020).

Atravessando os tons do outono vão se firmando as fortes cores das tonalidades do **Verão**, e a experiência do tédio apareceu com mais ênfase em sua narrativa.

No meu caso eu não parei de atender, de forma nenhuma, assim que teve aquele afastamento lá a gente ficou uns dias em casa até se organizar como seria e depois nós voltamos. E assim eu fui percebendo que no início não apresentava tanto tédio nas pessoas, foi algo que eu fiquei tipo assim, observando ao longo, né? No decorrer do processo da pandemia, no início não havia tanto tédio, mas ao decorrer dos meses, né? Do isolamento, da necessidade de não estar tendo contato, não poder estar tendo contato com ninguém, isso foi aumentando, ao ponto assim que as pessoas ficaram muito apáticas, né? Assim, na própria narrativa traziam muito essa sensação de não saber o que fazer, aquela sensação assim do que eu observava, não que tivessem um quadro depressivo, mas trazia dentro da narrativa o desânimo que estava muito pautado no tédio, porque não sabia o que fazer, não tinha muitas coisas a fazer, e como as pessoas sempre tentam, né? Isso é o que eu observo preencher o dia, porque não sabem lidar com o momento de não ter nada para fazer, eu percebi que na pandemia isso veio muito fortemente, é tanto que a gente tentava trabalhar de uma forma para tentar ampliar os horizontes em relação como saber lidar com isso, entendeu? (Verão)

É possível perceber na narrativa de **Verão** que o tédio é experimentado no *setting* a partir da compreensão do passatempo, sendo este uma via de acesso à tematização adequada do tédio experimentado por meio do ser entediado-por — a

primeira forma de tédio. Essa ampliação de horizontes do *setting* que **Verão** aponta recai na perspectiva do tempo prolongado e na busca da existência de se enveredar novamente no mundo das ocupações, para que os passatempos possam preencher esses vazios e expulsem esse tédio.

O tédio é inquietante, dando corda para o passatempo como uma busca da existência de se sublimar novamente no mundo das ocupações. Nessa busca, sempre frustrada, o passatempo mesmo ganha o caráter de inquietante. O passatempo é impaciente, defronta-se com a compreensão de que não estamos em condições de nos assenhorearmos do tédio. . . . Veremos, em seguida, uma chave interpretativa para esta e as demais formas de tédio: no tédio dá-se um tempo hesitante; no tédio se é deixado vazio. Apresentamos assim, adiantadamente, essa estrutura para que a tenhamos em mente como indicação no desenrolar da análise. (Carvalho, 2023, p. 62)

Diante da problemática indicada, **Verão** observa que suas reflexões no *setting* trazem à tona questões de familiaridade diante da estranheza experimentada na pandemia, no entanto, a sensação de estranheza parecia predominar naquele momento.

Porque tinha na nossa vivência a necessidade desse isolamento, mas poderia ser substituído com outras coisas para trazer outros prazeres, não necessariamente só no mundo externo, mas interno, dentro de casa, com outras coisas, priorizar outras coisas, então foi algo que eu percebi muito sim, no discurso, e foi algo que passou a ser muito difícil de como intervir nisso, porque as pessoas identificavam o tédio, não sabiam o que fazer com ele, e a gente tinha que trabalhar essas coisas que estavam surgindo, né?

Por conta da pandemia. (Verão)

Nessa narrativa é possível perceber uma correlação com a estação anterior, no entanto, ao invés de trazer o enfado da experiência, ela contempla o vazio como norteador da questão. No entanto, à medida que o vazio abre espaço para o tédio, a tendência é que se criem alternativas de suprimi-lo.

Portanto, ao menor sinal de que o tédio pode se instalar há a tentativa imediata de sufocá-lo. Quando uma pessoa conta árvores, desenha figuras aleatórias na areia, ou lê um livro que nem a interessa tanto, o que ela está querendo fazer é se ver livre desse tempo hesitante e por isso se vê obrigada a lançar mão das mais diversas estratégias para consegui-lo. Tais estratégias que invariavelmente surgem com o tédio são chamadas de *passatempo*. O ponto é que tédio exige um passatempo correspondente. O passatempo, por sua vez, possui rigorosamente apenas um objetivo específico: matar o tempo que se alonga. (Feijoo & Costa, 2020, p. 320)

Partindo-se desse horizonte teórico a respeito de passatempo, é possível encontrar tal perspectiva na seguinte experiência narrada por **Verão**:

Sim, observei, porque tipo, a narrativa era a seguinte, ou é celular, ou é Netflix, né? Ou filme, enfim, seriado, e não tinha muita outra coisa para ser feita, né? Tipo, não vislumbrava fazer outras coisas, como por exemplo mexer com plantas, ou ler um livro, ou seja, muitos só iam para o que era mais prático, mais rápido, a tela, a tela, a tela, a tela. Então chegou um momento em que já não supria mais o desejo de querer preencher esse vazio, entende? E aí vinha com muita força, né? Muito fortemente esse sentimento de tédio, de não ter o que fazer, de não saber administrar o sentimento do tédio, certo? E isso que tipo assim, parece que eu observava a seguinte coisa, parece que as pessoas têm que estar preenchidas por

alguma coisa a toda hora e a todo momento, e não saber lidar com o sentimento do tédio que faz parte da nossa existência humana, entendeu? Então assim, isso trazia, e eu observo não só na questão do tédio, mas em questões de muitas outras coisas que as pessoas elas não querem entrar em contato com as suas demandas emocionais, e elas tentam camuflar com qualquer outra coisa para passar o tempo, enfim, e para não mergulhar em si e entender aquela falta, entendeu? Então eu percebia demais isso. Percebo ainda, né? (Verão)

Importa ressaltar que, apesar de a descrição de trabalho no *setting* clínico de **Verão** vir de um viés psicanalítico, de todos(as) os(as) colaboradores(as), sua narrativa é a que apresentou a maior aproximação da descrição heideggeriana sobre o vazio do passatempo no “ser entediado por”. Nesse sentido, cabe ressaltar o pensamento de Heidegger sobre a necessidade do afastamento das imposições teóricas ou adequações forçosas que impedem as pessoas de se aproximarem dos fenômenos. É preciso, portanto, procurar no centro das experiências em geral para que venha à luz em seus respectivos acontecimentos. A esse respeito o mesmo nos indica que

Precisamos justamente evitar que venhamos a nos perder em enfoques tradicionais artificialmente instituídos ou fixamente cristalizados, ao invés de manter e sustentar a imediatidade do ser-aí cotidiano. O que vale não é o esforço por nos familiarizarmos com uma posição particular, mas, inversamente, a serenidade da visada cotidiana livre — livre das teorias psicológicas e outras mais da consciência, de teorias sobre o fluxo de vivências e coisas do gênero. Mas, como estamos impregnados por tais teorias — frequentemente já na compreensão mais imediata e no esclarecimento de

significações vocabulares —, é seguramente muito mais difícil em si esta serenidade do que aprender a gravar inúmeras teorias. Precisamos compreender a partir daí a aparente circunstancialidade, com a qual buscamos nos aproximar de um fenômeno tão trivial quanto o tédio. Esta aproximação tem o sentido de um afastamento de tudo o que se acerca de tais posições. (Heidegger, 2003, p. 110)

Assim, o firmamento de **Verão** abriu-se para uma afinação de aproximação em relação ao tédio, percebida mediante a possibilidade de tematização dessa tonalidade afetiva experimentada no cotidiano do seu fazer clínico. Além disso, é possível, inclusive, contemplar a ampliação da sua experiência apontando perspectivas que abriram questões de administração desses atravessamentos durante os estranhamentos da pandemia. No seu relato, a colaboradora abre espaço para uma contribuição sobre a ressignificação de sentidos dos seus atendimentos, desvelada no fragmento a seguir:

Possibilidades? Para alguns pacientes era possível, foi possível, tanto é que muitos até se acostumaram a saber conviver com isso e depois que voltou a ter esse contato com o mundo externo muitos até ficaram mais reclusos, eu percebi isso, certo? Só que nem todo mundo, né? Nem com... assim, nem com todos eu consegui trazer, né? De forma para intervir, porque não depende só do terapeuta, depende muito da própria pessoa em querer fazer o processo acontecer, né? Ele é responsável pelo processo, e alguns conseguiram e outros não, entende? Nesse sentido, alguns foram bem sucedidos ao ponto de que agora com a, né? Abertura do comércio total, sair sem máscara, muitos já não... encontra tantos sentidos e significados fora, passaram a ficar tanto dentro de casa que conseguiram

montar uma rotina dentro de casa, e hoje eu sinto às vezes a dificuldade de tentar levar essa pessoa para fora, olha a coisa como ela é absurda, as pessoas se condicionaram e agora sai de dentro de casa para fora está se tornando já a busca da intervenção, para ampliar isso, só que para alguns está sendo assim, só que para outros foi difícil até de intervir a questão do tédio e assim que conseguiram abrir, né? Assim, puderam sair para o comércio, enfim, para viver a vida, né? Festas, tudo, esses tiveram mais facilidade, né? E foi justamente o que eu observei que foi difícil de intervir para tentar administrar o tédio, então assim, alguns a gente conseguiu, né? Eu consegui com alguns, mas com outros nem tanto. (Verão)

Nessa fala identifica-se a preocupação de **Verão** diante das tentativas de remediar o tédio visualizadas por intermédio de seus clientes no *setting* clínico. É possível refletir que o cenário pandêmico favoreceu a abertura para o tédio, mas também se abriram inúmeras possibilidades para sua supressão. À medida que o ritmo do cotidiano mediano foi quebrado pelo distanciamento social e a restrição de circulação, o incômodo da necessidade de encontrar novas formas de temporalizar o tempo apresentou-se, sobretudo pela busca incessante de cercear a forma como essa afinação se desvela para cada indivíduo.

Nós receamos o curso hesitante do tempo e o sermos deixados vazios — exatamente aquilo que caracterizava a primeira figura do tédio e que nos indica o fato de ainda estarmos nos movimentando em meio à atmosfera específica daí oriunda. Esse receio mobiliza, então, ao mesmo tempo, toda uma estrutura que funciona efetivamente como o passatempo. (Casanova, 2021, p. 44)

Continuando na tentativa de desvelar os modos como os(as) psicólogos(as) colaboradores(as) experimentaram o tédio no *setting* clínico, é chegada a hora de conhecer os tons da afinação de **Primavera**, e ela começa afirmando:

Sim, eu continuei atendendo, né? Era um momento muito importante, né? Para a gente estar perto dos nossos clientes, e também daqueles que procuravam, e acho que muitos fenômenos puderam ser observados nesse processo, especificamente em relação à tua pergunta, eu percebi em alguns clientes, né? A gente via algumas nuances, porque claro, cada um tem sua própria forma de existência, então a gente escutava desde pessoas que adoravam porque estavam mais em casa e podiam parar um pouco, né? Do corre-corre cotidiano, então estar mais perto de família, mesmo home office, com todas as questões, mas aqueles que tinham uma perspectiva mais dinâmica, eu acho assim, principalmente os mais jovens, o que eu percebi foi isso, tá? Não sei se para você é relevante, mas posso situar aí mais ou menos aqueles que estavam entre acho que 20, 35 anos mais ou menos, né? Dos meus pacientes, eles tinham uma narrativa mais disso, né? Nos primeiros seis meses o discurso era muito mais do cuidado, de uma preocupação, porque todo mundo ficou muito mobilizado, né? (Primavera)

Assim como na narrativa anterior, o trabalho clínico é pautado pelo viés psicanalítico de trabalho, característica evidenciada nos recortes que indicam uma escuta clínica de orientação interpretativa. No entanto, ambos(as) os(as) colaboradores(as) buscaram voltar a análise na questão do tédio em si à constelação em que a compreensão da tonalidade afetiva apareceu como principal característica. Na narrativa de **Primavera**, é possível observar a tonalidade afetiva do tédio apontando o modo como o ser-aí se encontra sintonizado com o mundo que ele

mesmo é. No recorte trazido a seguir, a colaboradora é capaz de apontar a afinação do ser com seu espaço performático no momento de pandemia:

Os que estão na faixa até uns 28, 27, eles começam com uma narrativa mais presente sim, né? De que já não têm mais o que fazer, né? O trabalho já está ficando chato, né? Já se misturando muito a vida privada com a vida do trabalho, né? E se a gente já vive numa sociedade em que o público e o privado estão misturados nesse momento ficou ainda mais, e aí começou essa coisa de ah, já não estou dormindo direito, já me sinto muito enfadado, muito cansado, já não me sinto motivado, né? Começou a vir alguns problemas dessa ordem, tive uma pessoa que eu fiz uma indicação para um psiquiatra, porque já entrou num estado um pouco mais preocupante, né? Porque veio uma queixa de desmotivação, depois uma queixa mesmo de... como é que eu posso dizer? Acho que de falta de vontade mesmo, né? Desmotivação e um descuidado inclusive, né? Com si mesmo, já começou . . . e a desmotivação era tão intensa que a pessoa começou em um processo assim de engordar demais, né? De não querer às vezes nem tomar banho, às vezes preguiça até de escovar os dentes, então começou alguma coisa nesse sentido assim, ah, tudo me entediava, essa mesmice, né? Essa coisa do todo dia a mesma coisa, de sentir que não estava produtivo, mesmo que estivesse trabalhando.

(Primavera)

Primavera aponta inicialmente a desmotivação nesse espaço de produtividade agora travado pela estranheza da pandemia. Essa preguiça que ela narra parece muito mais ligada ao tempo hesitante, que passa devagar. A esse respeito Casanova (2021) alerta que

Nós não existimos no mundo da técnica, para Heidegger, portanto, porque nós nos encontramos jogados em um mundo completamente rodeado por entes

técnicos e porque nossas vidas particulares se tomaram impensáveis sem tais entes, mas, antes, porque o modo de fenomenologização dos fenômenos em nosso mundo contemporâneo obedece ao modo técnico de produção. (p. 92)

Nessa direção, é possível perceber que, envolto nos afazeres cotidianos, o ser-aí cai na impessoalidade, distraído, ocupado na cotidianidade mediana. “É, pois, nesse modo impróprio do impessoal que garante ao ser-aí, de início e na maioria das vezes, a existência a partir de um mundo de sentidos compartilhados, sustentando a convivência cotidiana” (Goulart, 2020, p. 105). Esse modo de experimentar a existência de forma distraída sucumbe ante a possibilidade de se experienciar o tédio como possibilidade de afinação com aquilo que lhe vem ao encontro. A experiência narrada por **Primavera** no fragmento a seguir corrobora tal perspectiva:

Uma coisa que lembrei agora, principalmente aqueles que não estavam trabalhando, né? Nesses eu achei que ficou mais significativo. Essa, por exemplo, que eu indiquei para um psiquiatra, ela estava em um processo de conclusão de curso, em busca de trabalho, e aí foi no momento da pandemia, então ela se sentiu muito improdutiva e acho que isso foi uma das razões muito preocupantes, né? Eu ouvia muito essa coisa, essa falta de sentido na existência e um discurso muito, muito forte, inclusive no significante mesmo do estou entediada, né? Muito nesse sentido. (Primavera)

Mesmo diferenciando formas diferentes de tédio, Heidegger não estabelece a existência de acontecimentos distintos, mas quer revelar como esses eventos concernem a um único fenômeno que afina o ser-aí contemporâneo de maneira geral. Enquanto no primeiro tédio o entediante se faz presente a partir de uma situação específica, como se pudesse ser dito que ele se impõe ao ser-aí de “fora”, o que acontece na segunda forma do tédio é diferente do que se dá na primeira.

Assim, da mesma forma que na manifestação da natureza a **Primavera** mistura vários tons de cores, a afinação da colaboradora faz despontar diferentes tipos de tédio: tédio da retenção do tempo e quanto da serenidade vazia. Isso aparece no trecho que segue:

*De fato, como nós somos históricos, né? E todas essas tonalidades, esses afetos, esses sentimentos, né? Enfim, você falou da tonalidade afetiva, . . . quanto a isso, mas o quanto isso está e dependendo da circunstância e do contexto o que vai emergir, né? E aí a gente começa a observar tantas e tantas, tantos outros fenômenos, né? E tantas, e como tantas outras coisas, né? Relacionadas à violência, a isolamento, a fobias, e tantas, assim como teve gente que achou bom, né? Como é as questões egoicas de cada um, e da existência, mas certeza que esse tédio aí se apresentou sim, né? Até pela aceleração que a gente vivia, né? E de repente as pessoas se sentirem enquadradas, né? Até porque limite na sociedade atual é tão difícil você ter que enquadrar, né? Por conta de uma exigência, né? Mas aí acho que aguçou muito a necessidade de sobrevivência que é básico, né? Ou se protege ou, né? A morte se aproxima. **(Primavera)***

O fragmento remete à questão da inautenticidade, ou seja, a experiência de tédio pode ser compreendida como a impossibilidade de resistir diante das situações que se apresentam de modo acelerado e que pode levar a uma existência aprisionada no mundo da impessoalidade. Reflete a fuga de si mesmo e se configura em um sofrimento constante de uma existência que experiencia a relação com o tempo modificada, não conseguindo articular o passado com o presente, anunciando um desaparecimento do futuro.

As possibilidades compreensivas desveladas até o momento mostraram apenas duas formas de presentificação do tédio, no entanto, é válido salientar que

não é possível abarcar no horizonte da presente pesquisa o terceiro tipo de tédio explorado por Heidegger: o tédio profundo. Casanova (2012) aponta a existência de conexão entre a tonalidade afetiva fundamental do tédio profundo e o tempo da técnica, indicando que esta modifica a temporalização do ser-aí, submetendo a todos(as) o ritmo posicional frenético das suas composições. “Em outras palavras, na era da técnica o tempo existencial está completamente submetido aos tempos do mundo, à temporalidade em seu caráter estrutural originário” (Casanova, 2012, p.138). E, nessa dinâmica existencial, o presente se reduz à sucessão infinita dos agoras de modo a cercear a possibilidade de singularização, enredado em uma afinação fáctica da existência.

Nesse sentido, vazio é um termo de que se utiliza para designar esse radical desinteresse do ser-aí em relação ao tempo/espço que ele mesmo é. Sobre esse vazio, Heidegger escreve:

Nesta terceira forma do tédio, a serenidade vazia é a entrega do ser-aí ao ente que se recusa na totalidade. Neste “é entediante para alguém” encontramos — enquanto ser-aí — totalmente deixados na mão; não apenas não ocupados por esse ou aquele ente, não apenas deixados estagnados por nós mesmos segundo este ou aquele aspecto, mas na totalidade. O ser-aí só se sustém ainda em meio ao ente que se recusa na totalidade. O vazio não é um buraco em meio a algo preenchido, mas se refere ao ente como um todo e não é, apesar disso, o nada. (2003, p. 166)

Importante acrescentar que a possibilidade da experiência de plenitude do ser-aí em relação à sua própria temporalidade desponta como oposta a uma sensação permanente e duradoura de conforto e bem-estar.

Na maior parte das vezes ela se dá até como o inverso desse lugar de perene satisfação. Experimentar de forma plena a temporalidade é sempre se medir pelo vislumbre da densidade misteriosa própria da existência, na medida em que ela é articulada com o nada de seu fundamento. A experiência desse mistério é quase impedida pela forma como o horizonte histórico contemporâneo se entrega. O ser-aí contemporâneo é atravessado pelo acontecimento do esvaziamento e da gratuidade de um mundo simplesmente presente, dado como óbvio. (Feijoo & Costa, 2020, p. 323)

Por isso, não se contemplou esse tipo de tédio nomeado por Heidegger (2003) como o “inabarcado apelo do ser”. Tal tonalidade afetiva considerada fundamental, ao romper com a impessoalidade, mostra-se como profunda, mobilizadora e confronta o ser-aí com sua constituição de negatividade e nadaidade, com sua indeterminação. Feijoo (2011) apresenta que, “no impessoal, tendemos a assumir uma identidade, a tomarmo-nos com sentidos e determinações tais que surgem do modo como lidamos com os entes que nos vêm ao encontro” (p. 45).

Diante desse contexto, as narrativas que desvelaram diferentes tons de afinação assim como ocorre nas estações, vislumbraram reflexões sobre a afinação do tédio enquanto tonalidade afetiva e a possibilidade de compreender a ação clínica por intermédio dela.

5 Considerações Finais

Neste estudo, buscou-se compreender a experiência do tédio no *setting* clínico a partir das narrativas de psicoterapeutas, utilizando-se uma abordagem fenomenológica e hermenêutica. A partir das entrevistas e da análise das narrativas dos(as) participantes, foi possível desvelar várias dimensões e sentidos do tédio, refletindo sobre sua manifestação na prática clínica. Além disso, foi possível observar como o tédio emergiu como tonalidade afetiva no *setting* clínico no contexto pandêmico.

Os resultados obtidos indicam que o tédio, longe de ser uma simples falta de ocupação ou uma emoção negativa trivial, revela-se como uma tonalidade afetiva profunda, permeada por questões existenciais e históricas. No e por tratar-se de um contexto muito específico — como foi o da pandemia —, as manifestações do tédio emergiram tanto como um reflexo da suspensão das rotinas e do isolamento social quanto como um convite para uma reflexão mais ampla sobre o sentido da existência e as relações humanas.

Em diálogo com as narrativas colhidas, foi possível revisitar a perspectiva da ação clínica que, com seu caráter libertador, afastado dos parâmetros da técnica moderna e das evidências experimentais que desconsideram as particularidades do ser-aí em seu contexto e cultura, mostrou-se essencial.

Os relatos dos(as) colaboradores(as) destacaram termos como desmotivação, medo, perda e vazio ao descreverem suas percepções do tédio em suas escutas clínicas. Essas narrativas refletiram um momento significativo da humanidade: a pandemia da covid-19. O isolamento, a ameaça de morte, a perda de entes queridos

e os lutos não vividos desencadearam uma explosão de sentimentos imensuráveis do ponto de vista existencial.

A reflexão sobre o tédio, iluminada pelas perspectivas de Heidegger e Gadamer, ampliou os horizontes da prática clínica, permitindo um afastamento das técnicas modernas que muitas vezes desconsideram as particularidades do ser-no-mundo. Ao se adotar uma postura dialógica e hermenêutica, os fenômenos que emergem no *setting* clínico são refletidos de modo a suspender a visão mecanicista e materialista, permitindo uma ampliação dos horizontes, propondo assim uma reflexão sobre a prática clínica como forma de iluminar o ser humano em suas características próprias de época.

Tais considerações são importantes de serem pensadas na prática clínica, pois ratificam a concepção de que a ação clínica fenomenológica existencial não serve ao tecnicismo da Psicologia contemporânea. Sobre isso, Barreto e Morato (2009) salientam que a ação clínica do psicólogo em fenomenologia pode ser pensada como um procedimento co-humano criativo, não apreensível por teorias descendentes da conceituação cartesiana de sujeito e de mundo. Logo, a ação clínica como um espaço aberto oferece possibilidades para a desconstrução do habitual, a desvinculação de teorias subjetivas, e a constituição de um olhar direcionado à existência, aos apelos do modo humano originário de ter-que-ser. Em *Serenidade*, Heidegger (1959) afirma que se pode dizer “sim” e “não” à técnica, mesmo sendo ela a destinação do indivíduo. Assim, a clínica deve ser pensada enquanto *téchne*, como o artesão, cuidando do simples, daquilo que se mostra.

A prática clínica, portanto, deve estar atenta às transformações e buscar uma compreensão profunda do tédio como uma tonalidade afetiva que se revela nos diferentes modos de existência. A escuta clínica deve ser um espaço aberto para a

desconstrução de teorias habituais e para a constituição de um olhar direcionado à existência e aos apelos do nosso modo de ser originário. A filosofia, especialmente a fenomenologia hermenêutica, oferece uma base sólida para essa compreensão, permitindo que se acompanhe e, ao mesmo tempo, que se afaste das determinações ilusórias do mundo contemporâneo.

Em resumo, este estudo destacou a importância de se compreender o tédio na prática clínica, mas como oportunidade de aprofundamento existencial e de revelação de novas possibilidades de ser. A reflexão sobre o tédio durante a pandemia proporciona *insights* valiosos para a Psicologia contemporânea e para a prática clínica, promovendo um cuidado mais humanizado e contextualizado. Assim, a proposta da ação clínica no que diz respeito à tonalidade afetiva do tédio é atuar nessa negatividade de modo que se possa sustentar a escuta do tédio enquanto tonalidade afetiva fática do tempo atual. A tarefa do(a) psicólogo(a) em psicoterapia é, sobretudo, resistir à surdez promulgada nesse tempo. Só assim se poderá escutar o silêncio contido na distração cotidiana e encontrar um lugar em que a experiência grega de *aletheia* possa permanecer e ser somada à experiência da tonalidade afetiva do tédio, de modo a promover e sustentar um espaço para a verdade acompanhada da libertação para um nada criativo.

Referências

- Araújo, Valdênia de Assunção. (2021). *As tonalidades afetivas na perspectiva clínica fenomenológico-existencial* [Monografia de especialização, Curso de especialização em Gestalt-terapia e Análise Existencial, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional da UFMG. <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/54707/1/Vald%C3%AAnia%20Araujo%20-%20Monog%202021%20-%20Tonalidades%20Afetivas.pdf>
- Aun, Heloísa Antonelli, & Morato, Henriette Tognetti Penha. (2009). Atenção psicológica em instituição: Plantão Psicológico como cartografia clínica. In Henriette Tognetti Penha Morato, Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto, & André Prado Nunes (Coords.), *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: Uma introdução* (pp. 121-138). Editora Guanabara Koogan.
- Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares, & Morato, Henriette Tognetti Penha. (2009). A ação clínica e a perspectiva fenomenológica existencial. In Henriette Tognetti Penha Morato, Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto, & André Prado Nunes (Coords.), *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: Uma introdução* (pp. inicial-final). Editora Guanabara Koogan.
- Benjamin, Walter. (1989). Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo. *Obras escolhidas* (Vol. 3, 2a ed.). Editora Brasiliense.
- Binswanger, Ludwig. (1977). *Três formas da existência malograda*. Zahar Editores.
- Borges, Adolfo, Filho. (2020, abril-junho). Brevíssimo estudo sobre a filosofia do tédio em Martin Heidegger. *Revista do Ministério Público do Estado do Rio de*

Janeiro, 76, 223-228. https://www.mprj.mp.br/documents/20184/1904650/Adolfo_Borges_Filho.pdf

- Borges-Duarte, Irene. (2020). Dúvida e provação como experiência de crise (Hegel para psicólogos). In Elza Dutra (Org.), *Sufrimento, existência e liberdade em tempo de crise: Palestras apresentadas no II Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e II Encontro do GT de Psicologia e Fenomenologia – Anpepp* (pp. 79-102). Ifen.
- Boss, Medard. Solidão e comunidade. (1997). *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, 2, 36-49.
- Brito, Marco Antonio de Souza. (2015). *Tonalidades afetivas e poesia: Uma analogia possível no Heidegger da "viragem"* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Filosofia Moderna e Contemporânea, Universidade Estadual do Oeste do Paraná — Unioeste]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Unioeste. <http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2081/1/Marcos%20A%20de%20Souza%20Brito.pdf>
- Cardinalli, Ida Elizabeth. (2015). Heidegger: O estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein). *Psicologia USP*, 26(2), 249-258. <https://doi.org/10.1590/0103-656420135013>
- Carvalho, Aurélio Augusto Costa. (2023). *O tédio como disposição de humor fundamental do nosso ser-aí atual na fenomenologia de Martin Heidegger* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório Institucional da UFPB. https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/29628/1/Aur%C3%A9lioAugustoCostaCarvalho_Dissert.pdf
- Casanova, Marco Antonio. (2009). *Compreender Heidegger*. Editora Vozes.

- Casanova, Marco Antonio. (2020, julho-dezembro). No balanço do tédio: Heidegger e o tédio como tonalidade afetiva fática. *O que nos faz pensar*, 29(47), 79-107. <http://doi.org/10.32334/oqnp.2020n47a743>
- Casanova, Marco Antonio. (2021). *Tédio e tempo*. Editora Via Verita.
- Cimino, Ana Paula Noriko. (2013). *Cuidado e técnica moderna: Indicadores para discussão da violência à luz das críticas empreendidas à supremacia da razão instrumental no pensamento contemporâneo* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Unicap. <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/230#preview-link0>
- Cimino, Ana Paula Noriko, & Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares. (2013). Prática psicológica em saúde pública: A dimensão ético-política do cuidado nas policlínicas. In Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto, Henriette Tognetti Penha Morato, & Marcus Tulio Caldas (Orgs.), *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica* (pp. 443-472). Juruá Editora.
- Conselho Federal de Psicologia. (2019). *Relatório de inspeções: 2018*. Conselho Federal de Psicologia; Conselhos Regionais de Psicologia; Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/12/549.3_ly_RelatoriInspecaoHospPsiq-Contra-Capa-Final_v2_Web.pdf
- Costa, Paulo Victor Rodrigues da. (2021). *O fim, o começo e o ser: Heidegger e o outro início*. Editora Appris.
- Critelli, Dulce Mara. (2007). *Analítica do sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. Editora EDUC; Editora Brasiliense.

- Cruz, Estevão Lemos. (2019). A temporalidade como condição de possibilidade da compreensão do ser do ente simplesmente presente à vista (vorhanden). *Universitas Philosophica*, 36(73), 147-186.
- Cruz, Marcos Vinícius da, & Silva, Andressa Melina Becker da. (2023). Análise do tédio e do cansaço: A historicidade dos sofrimentos psicológicos em Heidegger e Byung-Chul Han. *Revista NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity*, 15(1), 1-20. <https://doi.org/10.26823/rnufen.v15i1.23397>
- Denzin, Norman K., & Lincoln, Yvonna S. (2006). *A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa*. In Norman K. Denzin & Yvonna S. Lincoln (Orgs.), *O Planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens* (pp. 15-41). Artmed Editora.
- Duarte, André. (2010). *Vidas em risco: Crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Editora Forense Universitária.
- Dumont, Louis. (198/5). *O individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Editora Rocco.
- Elias, Norbert. (1990). *O processo civilizador: Uma história dos costumes* (Ruy Jungmann, Trad., Renato Janine Ribeiro, Rev. e Apresent.; Vol. 1). Jorge Zahar Editor.
- Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de. (2011). *A existência para além do sujeito: A crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológicos-existenciais*. Edições Ifen; Editora Via Verita.
- Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de, & Costa, Paulo Victor Rodrigues da. (2020). *Daseinsanálise e a tonalidade afetiva do tédio: Diálogos entre psicologia e*

filosofia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(3), 317-328. <https://doi.org/10.18065/2020v26n3.7>

Ferreira, Acylene Maria Cabral. (2017, janeiro-abril). Heidegger e o projeto de superação da subjetividade. *Princípios: Revista de Filosofia*, 24(43), 107-130. <https://doi.org/10.21680/1983-2109.2017v24n43ID11374>

Flick, Uwe. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: Um guia para iniciantes*. Penso Editora.

Frota, Ana Maria Monte Coelho, & Dutra, Elza Maria Socorro. (2021). Proposições para um método fenomenológico hermenêutico para a pesquisa de campo. *Revista Subjetividades*, 21(spe), 1-12. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21iesp1.e11305>

Gadamer, Hans-Georg. (1997). *Verdade e método*. Editora Vozes.

Gondim, Sônia Maria Guedes, Bastos, Antônio Virgílio Bittencourt, & Peixoto, Liana Santos Alves. (2010). Áreas de atuação, atividades e abordagens teóricas do psicólogo brasileiro. In Antônio Virgílio Bittencourt Bastos & Sônia Maria Guedes Gondim (Eds.), *O trabalho do psicólogo no Brasil* (pp. 174-199). Artmed Editora.

Goulart, Samira Meletti da Silva. (2020). *As determinações da era da técnica e seus reflexos nos modos de vida contemporânea: Sofrimento, compulsão e tédio* [Dissertação de mestrado, Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/16914>

Heidegger, Martin. (1959). *Serenidade*. Edições Piaget.

- Heidegger, Martin. (1998). *Ser e tempo*. Editora Vozes.
- Heidegger, Martin. (2003). *Os conceitos fundamentais da metafísica: Mundo, finitude e solidão*. Editora Forense Universitária.
- Heidegger, Martin. (2006). *Seminários de Zollikon*. Editora Vozes.
- Heidegger, Martin. (2009). *Ser e tempo*. Editora Vozes.
- Inwood, Michael. (2002). *Dicionário Heidegger*. Jorge Zahar Editor.
- Lobe, Bojana, Morgan, David L., & Hoffman, Kim A. (2020, July). Qualitative data collection in an era of social distancing. *International Journal of Qualitative Methods*, 19(2). <http://dx.doi.org/10.1177/1609406920937875>
- Mahfoud, Miguel. (1987). A vivência de um desafio: Plantão psicológico. In Rachel Lea Rosenberg (Org.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa* (pp. 75-83). Editora EPU.
- Mattar, Cristine. (2020). *Depressão: Doença ou fenômeno epocal?* Editora Via Verita.
- Ministério da Saúde. (2004). *Residências terapêuticas: O que são, para que servem*. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/120.pdf>
- Moutinho, Ilda Maria da Fonte. (2000). *Ocupação e disposição em Sein und Zeit: Fontes aristotélicas* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco].
- Oliveira, Beatriz Acampora e Silva de. (2006). *Tonalidade afetiva e compreensão de si segundo a analítica existencial de Martin Heidegger* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação do Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro]. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp043778.PDF>

- Oliveira, Beatriz Acampora e Silva de. (2020). *Tonalidade afetiva e compreensão de si segundo a analítica existencial de Martin Heidegger*. Editora Pimenta Cultural.
- Palmer, Richard E. (2006). *Hermenêutica*. Edições 70.
- Pessoa, Fernando. (2003). *Livro do desassossego* (Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa; 2a ed.). Editora Brasiliense. http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co obra=24204
- Pó, Gabriela Sofia Martins. (2015). *A fenomenologia do tédio no Livro do Desassossego: De Martin Heidegger a Fernando Pessoa* [Tese de doutoramento, Departamento de Filosofia, Universidade de Évora]. Repositório da Universidade de Évora. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/16396>
- Salem, Pedro (2017). Entre lirismo e desespero: Variações sobre os sentidos do tédio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(3), 19-35. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000300002&lng=pt&nrm=iso
- Schmidt, Maria Luisa Sandoval. (1997). Identidade, pluralidade e diferença: Notas sobre psicologia social. *Boletim de Psicologia*, 47(106), 57-72.
- Schwandt, Thomas. A. (2006). Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa. In Norman K. Denzin & Yvonna S. Lincoln (Orgs.), *O Planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens* (pp. 193-217). Artmed Editora.
- Sennett, Richard. (1999). *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade*. Editora Companhia das Letras.

- Sidi, Pilar de Moraes, & Conte, Elaine. (2017). A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. *Revista ibero-americana de estudos em educação*, 12(4), 1942-1954.
- Silva, Gabriel Ferreira Bomfim Pessoa da, Cardoso, Bruna dos Santos, Franco, Karina Duarte, & Moscon, Daniela Campos Bahia. (2018). Os significados do conceito de abordagem teórica e as implicações na prática do psicólogo: Um estudo com graduandos de Psicologia. *Seminário Estudantil de Produção Acadêmica*, 17, 57-58. <https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/5577>
- Soares, Marcelo José. (2010). *A angústia como disposição afetiva em ser e tempo* [Dissertação de mestrado, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Santa Maria]. Repositório Digital da UFSM. <http://w3.ufsm.br/ppgf/wpcontent/uploads/2011/10/disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Stein, Ernildo. (1996). *Aproximações sobre hermenêutica*. EdiPUCRS.
- Szymanski, Luciana, Szymanski, Heloisa, & Fachim, Felipe Luis. (2019). Interpretação como des-ocultamento: Contribuições do pensamento hermenêutico e fenomenológico-existencial para análise de dados em pesquisa qualitativa. *Pro-Posições*, 30(e20180014), 1–25. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0014>
- Vattimo, Gianni. (1996). *Introdução a Heidegger*. Edições Piaget.
- Ximenes, Celina Maria Aragão, Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares, & Morato, Henriette Tognetti Penha. (2015). Supervisão de estágio e atitude psicoterapêutica: Uma proposta educacional. *Psicologia da Educação*, (40), 115-124. <https://doi.org/10.5935/2175-3520.20150009>

Apêndice A – Termo de Consentimento para Entrevista *On-line*

TCLE – Entrevista na modalidade online

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título: O inabarcado apelo do ser: uma compreensão da experiência do tédio em tempos de pandemia

Pesquisadora: Tatiany Maria Melo Silva Albuquerque

Orientadora: Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa: **O inabarcado apelo do ser: uma compreensão da experiência do tédio em tempos de pandemia**. A sua participação não é obrigatória e você pode desistir de participar e retirar seu consentimento em qualquer tempo da pesquisa sem prejuízo na relação com a pesquisadora.

O objetivo desta pesquisa é compreender a experiência do tédio, enquanto disposição afetiva, na situação de pandemia do COVID-19 a partir da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger.

A sua participação será através de uma entrevista narrativa acerca da temática na modalidade de vídeo chamada, em virtude da situação pandêmica atual. A entrevista será gravada com a sua autorização. As gravações serão realizadas na plataforma zoom ou semelhante e seguirão os critérios de sigilo da pesquisa, ou seja, seu nome ou qualquer outra identificação serão protegidos.

Os resultados aqui desvelados podem tornar possível a emergência de novos conhecimentos baseados nas narrativas dos(as) colaboradores(as). A partir disso, espera-se colaborar com o desenvolvimento de novas pesquisas e novos modos de pensar as práticas clínicas, principalmente no tocante ao acolhimento em situações que envolvem a temática da experiência do tédio.

Os/As colaboradores(as) deste estudo terão acesso aos resultados da pesquisa em um encontro com a pesquisadora, no qual serão abordadas as

compreensões tecidas sobre o fenômeno a partir da investigação realizada. O encontro se dará de modo individual com cada colaborador((a), a fim de se manter o sigilo e a privacidade na pesquisa. Este estudo poderá ser apresentado em eventos científicos e acadêmicos e divulgado por meio de artigos que serão elaborados a partir dos desdobramentos de seus resultados sem, no entanto, de nenhum modo permitir a identificação dos(as) colaboradores(as).

Em qualquer momento, você poderá pedir esclarecimentos à pesquisadora responsável e/ou ao Comitê de Ética da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), sobre todas as etapas da pesquisa e dúvidas que surgirem.

As informações coletadas durante a pesquisa serão tratadas com rigoroso sigilo sendo os resultados encontrados divulgados publicamente, sem a exposição da identidade, garantindo o anonimato do participante. A pesquisadora ainda se responsabiliza pela guarda do material da pesquisa desde o processo até a publicação dos resultados.

Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora, e poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação, agora ou a qualquer momento, pelo telefone (81) 9.94163716 ou através do e-mail tatianymelopsicoterapeuta@gmail.com

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Pesquisador/Orientador: Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Endereço: Rua do Príncipe, 526, Boa Vista, Bloco G4 – Recife/PE

Telefone: (81) 9.8889-9988

Assinatura do pesquisador principal